



atos

do conselho geral

ano LXXVI outubro-dezembro 1995

N.º 354

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº. 354

ano LXXVI

outubro - dezembro

1995

1. O VIGÁRIO DO REITOR-MOR	1.1 Orientações para um caminho de espiritualidade salesiana <i>Alguns pontos-chaves no ensinamento do</i> <i>P. Egidio Viganó</i>	03
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 O Pecúlio P. Omero PARON	50
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Conselho Geral	53
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Decreto sobre a heroicidade do Servo de Deus Rodolfo Komorek 5.2 Nomeações Pontifícias 5.3 Irmãos Falecidos	57 61 63

Tradução: P. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441
03105-020 — São Paulo — SP
Fone: (011) 277-3211
Fax: (011) 279-0329
Telex: 11 32431 ESPS BR

ORIENTAÇÕES PARA UM CAMINHO DE ESPIRITUALIDADE SALESIANA

Alguns pontos-chaves no ensinamento do P. Egidio Viganò

Introdução - 1. A iniciativa de Deus - 2. A consagração apostólica - 3. O Cristo que seguimos e contemplamos - 4. A caridade pastoral - 5. "Da mihi animas" - 6. "Esforça-te por fazer-te amar": A pedagogia da bondade - 7. O êxtase da ação - 8. A graça de unidade - 9. Educar evangelizando, evangelizar educando - 10. Imaculada Auxiliadora

Roma, 24 de setembro de 1995

Caríssimos,

Foi-lhes expedida no mês de setembro a carta-lembrança do Padre Egidio Viganò. Além do perfil biográfico, apresentamos nela, de modo sintético, conforme a natureza do escrito, suas frentes de trabalho como Reitor-Mor, seu estilo de animação e os traços de sua personalidade.

Estamos preparando na Direção Geral uma edição de suas sessenta e quatro cartas circulares, com o correspondente índice temático. O volume passará a fazer parte da coleção que recolhe as cartas dos precedentes

Reitores-Mores: P. Rua, P. Albera, P. Rinaldi, P. Ricaldone. Ao mesmo tempo serão publicadas, em outro volume, as cartas do P. Luigi Ricceri, a quem coube orientar a preparação e o primeiro período de renovação que se seguiu ao Concílio Vaticano II. Esses volumes, com os atos dos CG 20, 21, 22 e 23 estarão ao alcance de todos como testemunho e documentação da reflexão, dos desafios, das orientações e esforços de renovação que caracterizaram os trinta anos que nos levam do final do Concílio ao próximo CG24.

Achei conveniente, como complemento da carta mortuária, oferecer a leitura de alguns pontos que perpassam o ensinamento do P. Egidio Viganò. Não são todos, evidentemente, nem estão entre os que se poderiam considerar principais. O espaço não o permitia. Escolhi apenas os que mais de perto e diretamente dizem respeito à vertente da espiritualidade do salesiano, que ocorrem, mesmo se só acenados, ao tratar de temas diversos e que foram oferecidos por ele como fórmulas originais. Eles, entretanto, se relacionam solidamente a ponto de constituir como que os traços de uma fisionomia.

Não tentamos uma síntese completa de cada um deles, coisa impossível, mas apenas uma evocação substancial.

O nosso momento atual é marcado pelo acontecimento do Sínodo sobre a Vida Consagrada, cujo documento conclusivo estamos aguardando. Suas preocupações principais, porém, já foram percebidas no instrumento de trabalho e nas discussões da assembléia, o que nos estimula a refletir sobre as expectativas do mundo e da Igreja em relação aos religiosos e nos recorda a originalidade de Dom Bosco no testemunho do Evangelho.

O tempo que vivemos é, também, marcado pela preparação próxima, organizativa e espiritual do CG24. Justamente nestes dias está trabalhando na Casa Geral

a Comissão pré-capitular, nomeada pelo Reitor-Mor, que deverá redigir “os esquemas a serem enviados, com suficiente antecipação, aos participantes do Capítulo Geral” (Reg 113).

É à luz desses acontecimentos que os convido a percorrerem alguns pontos nodais da nossa espiritualidade como nos foram propostos pelo P. Viganò.

1. A iniciativa de Deus

(ACG 303. 312. 334. 337. 342. 352)

“É necessário recordar que na base de tudo está o fascinante mistério da Trindade; como dizem as Constituições renovadas, a nossa vida de discípulos de Cristo é uma graça do Pai, que nos consagra com o dom do seu Espírito e nos envia para sermos missionários dos jovens.”¹

1 ACG 347, p. 14.

Característica de toda espiritualidade cristã é a consciência do dom, da graça, com que Deus entra por iniciativa pessoal em nossa existência no contexto da história. Isso constitui uma diferença substancial em relação a qualquer espiritualidade racionalista, que se entregue apenas ao esforço, apesar de nobre, da pessoa.

Se se deseja traçar com realismo o caminho espiritual dos Salesianos, em seus elementos característicos e em sua vitalidade, não se pode ignorar essa origem, que é justamente a presença operante do Espírito do Senhor. E, da parte deles, o reconhecimento, a acolhida e a vontade de correspondência.

Essa presença é percebida em três âmbitos. Primeiramente na Igreja. “Ele a leva – diz a *Lumen Gentium* – à verdade total, unifica na comunhão e no ministério, instrui e dirige com diversos dons hierárquicos e carismáticos, embeleza com seus frutos. Com a força do Evangelho faz rejuvenescer a Igreja, a renova conti-

nuamente e a conduz à perfeita união com o Seu esposo.”² É o Espírito quem dá vida e quem se manifesta na história como energia imprevista e transformadora, sobretudo através dos profetas, dos santos, dos pastores e de guias corajosos e inspirados. Temos em nosso tempo sinais inequívocos dessa animação da Igreja por parte do Espírito. É o movimento todo de reflexão, adequação pastoral, espiritualidade provocado pelo Concílio, ainda hoje fecundo de manifestações novas e originais.

2 LG, 4

A presença e a ação do Espírito se estendem além dos confins da Igreja visível. Enchem a terra. A Igreja escuta nos sinais dos tempos a sua voz que ressoa na consciência dos homens e aflora sobretudo na busca religiosa, nas iniciativas nobres e desinteressadas pelo crescimento espiritual do homem em sentido moral.³ O conjunto dos sinais nos diz que estamos vivendo uma hora privilegiada do Espírito.⁴

3 Cf. RM, 28

4 Cf. EN, 75

A vida consagrada é uma das obras realizadas pelo Espírito no decurso da história, através de mil inspirações que, na seqüela de Cristo, se concentra no mistério de Deus e se dedica com amor à salvação do homem. “Na origem de cada Instituto religioso não existe uma teoria ou um sistema de um pensador, mas uma história ou uma experiência vivida segundo uma especial e concreta docilidade ao Espírito Santo.”⁵

5 ACS 301,p. 6

Isso se deve afirmar em particular do nosso carisma e de sua realização por Dom Bosco e por aqueles que lhe sucederam no tempo como discípulos atentos aos sinais do Espírito. Esse é o segundo âmbito de observação e de fé para os Salesianos. “Nosso Pai se sentiu investido pelo alto de uma vasta missão juvenil e teve consciência clara de ser, por isso, chamado a se tornar fundador, não simplesmente de um instituto religioso, mas de todo um imenso movimento espiritual e apostó-

lico de vastas proporções.”⁶ Espiritualidade e missão, a serviço da Igreja e do mundo, se movem na direção do Espírito, isto é, da abertura do homem ao reconhecimento e comunhão com Deus.

O terceiro âmbito onde somos chamados a perceber a ação do Espírito é a nossa vida. Nela percebemos o dom de Deus que nos atrai para ele; somos atraídos por Cristo e estimulados a segui-lo com radicalidade. Experimentamos a sintonia quase espontânea com Dom Bosco e somos levados à missão juvenil. É a vocação pessoal afirmada pelo art. 22 das Constituições: “Cada um de nós é chamado por Deus a fazer parte da Sociedade Salesiana. Para tanto recebe dEle dons pessoais e, respondendo fielmente, encontra o caminho da sua plena realização em Cristo”.

A consciência do dom, a nossa vontade de resposta, a consonância com o carisma salesiano, o projeto específico de vida que assumimos em decorrência, são publicamente expressos na profissão, particularmente na profissão perpétua, pelo seu caráter definitivo. Ela “é um sinal do encontro de amor entre o Senhor que chama e o discípulo que responde, doando-se inteiramente a Ele e aos irmãos” (Const 23). Envolve a consciência e a vida, e não só a pertença exterior. E é ainda oferta e iniciativa de Deus, e não só ação do homem. Por isso “a ação do Espírito é para o professo fonte permanente de graça e apoio no esforço cotidiano para crescer no perfeito amor a Deus e aos homens” (Const 25).

Dessa forma batismo, vocação, profissão marcam as fases da nossa colocação com sempre maior atenção e disponibilidade no espaço do Espírito, que comunica ao mundo o amor de Deus e o move para Ele.

Seguem daí três conseqüências. A primeira é que tomamos a “*vida no Espírito*”, a santidade, como o nú-

cleo principal do nosso projeto existencial.⁷ Santidade entendida não só como correção moral ou esforço ascético, mas como estilo e forma de vida em que transparece de forma peculiar o mistério de Deus, libertador, próximo. Sem o que não existe vida consagrada, mesmo se se dessem todos os elementos institucionais. “Reprojetar a santidade” é, por isso, ponto determinante da nossa renovação. Ela é “o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens” (Const 25) e o meio mais poderoso e adequado para realizar a nossa missão. Conservamo-la também como a contribuição específica dos religiosos para a cultura e a promoção humana. Com efeito, a espiritualidade ou santidade tem também um valor temporal e secular, não só pelas obras de caridade em benefício dos pobres, mas pelo sentido, mensagem e valores que oferece à existência humana.

Existe, porém, uma segunda consequência. Nós buscamos a santidade segundo o modelo e o caminho que o Senhor manifestou em Dom Bosco. A referência constante a Ele e à experiência que amadureceu em sua seqüela é indispensável tanto para a reprodução adequada de seus traços já conhecidos como para discernir formas novas de realizá-los em contexto moderno. “O Senhor nos deu Dom Bosco como Pai e Mestre” (Const 21).

Essas duas consequências levam a uma terceira: como caminho pedagógico para a santidade, escolhemos aquele proposto pelas Constituições com suas experiências fundamentais (missão, conselhos evangélicos, comunidade, oração) vividas no grupo humano que constitui seu código de vida: a Congregação salesiana com sua tradição espiritual e em sua realidade atual. Se é verdade que “a nossa regra viva é Jesus Cristo, o Salvador anunciado no Evangelho, que hoje vive na Igreja

e que descobrimos presente em Dom Bosco, o qual deu a sua vida aos jovens” (Const 196), é também verdade que acolhemos as Constituições como testamento de Dom Bosco, como livro de vida para nós, que meditamos na fé e nos empenhamos em praticar com sentido espiritual, porque para nós, discípulos do Senhor, elas são um caminho que leva ao Amor (cf. ib.).

Desejo e propósito de santidade, Dom Bosco como Pai e Mestre, Regra e comunhão salesiana são as coordenadas para o caminho de crescimento espiritual de um consagrado salesiano, em resposta aos apelos do Espírito. Sem elas é difícil ir longe.

2. A consagração apostólica (ACG 312. 337. 342. 346. 352)

Apresentando, após o CG22, o “texto renovado da nossa Regra de vida”,⁸ o P. Viganò indicou a consagração apostólica (cf. Const 3) como tema geral e primeiro entre os principais da renovação.

Os vários elementos caracterizadores da nossa espiritualidade de religiosos apóstolos encontra a própria razão de ser na consagração e especificamente em sua forma original, que chamamos consagração apostólica.

Essa é uma das aquisições importantes da caminhada de redefinição da nossa identidade na trilha dos aprofundamentos que se deram na Igreja após o Concílio Vaticano II e do que ecoaram declarações insistentes nos últimos tempos.⁹ “Na base da vida religiosa está a consagração.” “A Igreja pensa em vós, antes de tudo, como pessoas consagradas.”¹⁰

Para redescobrir e reatualizar o carisma, ter uma visão unitária do projeto de vida salesiano e, conseqüentemente,

8 Cf. ACG 312

9 Cf. LG, 44; PC, 5; ET, 4.7; MR, 8.10.11; RD, cap. III

10 *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa*, n. 5; RD, 7.

viver e exprimir de forma autêntica a nossa espiritualidade, o elemento substancial é uma compreensão mais profunda da consagração, seja em suas raízes bíblicas, como em suas dimensões teológicas e eclesiais, mas, também, à luz da experiência concreta do Fundador.

Esse esforço de compreensão nos levou a sublinhar alguns aspectos. O primeiro é o senso global ou total da consagração. Esta, com efeito, não é um elemento particular da vida salesiana a ser enumerado antes ou entre os demais, mas compreende toda essa vida. Não inclui apenas os votos, mas todo o ser e agir da pessoa, colocada em singularíssima relação com Deus, que marca a nossa experiência pessoal mais profunda e o nosso trabalho educativo. Uma vida que se sente atraída para Deus e se concentra nEle, seja buscando-O na oração, no silêncio e na solidão, como propondo-se a servi-Lo nos irmãos com algum serviço de caridade também fortemente empenhativo.

Está claro, então, que, falando de consagração, não pensamos só num momento particular como, por exemplo, o da profissão, mas nos referimos ao “continuum” da vida toda, de que a profissão é o momento significativo e quase sacramental. Pensamos numa experiência pessoal e interior que já tem início antes ainda da profissão, quando o Senhor vai se tornando o centro dos nossos pensamentos e a preferência do nosso afeto. Acolhendo essa graça do Espírito, declaramo-la diante de Deus e da Igreja no ato da profissão. Ela é, então, particularmente reconhecida e incorporada à vida e missão do povo de Deus. Continuará em seguida até a morte tornando-se sempre mais total e profunda como ação de Deus e como resposta nossa à medida que a sua realidade vai penetrando em nosso ser. É evidente que a vida se torna de fato consagrada não só por força dos

elementos institucionais, organizativos ou rituais com que é qualificada externamente, mas pela relação vital que se estabelece com Deus. De fato, em cada consagração, a força consagrante é a Sua presença. Esse sentido existencial e pessoal da consagração é, particularmente hoje, sentido e determinante.

Deriva daí um outro elemento fundamental de compreensão, evidenciado pelo uso do verbo na passiva: *consecratur*. A consagração do religioso, com base na consagração batismal, evidencia a iniciativa absolutamente livre e gratuita de Deus. Na expressão do P. Viganò, ela é a “centelha primeira do amor, que fásca na hora zero onde tudo tem início e onde explode a amizade, onde nasce a especial aliança entre Deus, que chama, e o homem, que responde”.¹¹ A consagração não é em primeiro lugar um esforço do homem para chegar a Deus e ser todo seu. Mas uma visita, um dom, uma irrupção da sua graça em nossa existência. Indica antes de tudo a ação de Deus, que, através da mediação da Igreja, nos toma totalmente para si comprometendo-se em nos proteger e guiar.

Mas é também verdade que essa ação divina não é exterior aos nossos movimentos mais profundos. Ela se faz sentir nesses movimentos e ali recebe a nossa resposta, de forma que se torna “encontro de dois amores”: o Pai atrai e nós nos oferecemos totalmente a Ele. “A iniciativa e a mesma possibilidade de aliança vem de Deus, mas é confirmada pelas nossas respostas livres: é Ele quem nos chama e nos ajuda a responder, mas somos nós que nos entregamos. É Ele que nos consagra e nos envolve com o seu Espírito, nos toma para si, nos faz totalmente seus, mas somos nós que nos queremos concentrar nEle, escudando-O e contemplando-O”.¹²

Encontrar o sentido pleno da consagração como aliança de amor, feita de apelo e resposta, que continua-

11 ACG 312, p. 23

12 Ib.

mente nos questiona, dá à nossa vocação o seu aspecto dinâmico e a sua profunda unidade.

Nossa regra de vida sublinha, de fato, o caráter peculiar da consagração que nos distingue como salesianos. Ela se fundamenta no projeto inspirado por Deus a Dom Bosco fundador, que é um projeto apostólico, no qual a missão a serviço da juventude é o aspecto caracterizador do nosso ser totalmente para Deus, intrinsecamente relacionada com o testemunho dos valores evangélicos e da comunhão fraterna.

Não existe separação nem dissonância entre consagração e missão, mas “compenetração mútua e indissolúvel, que nos faz salesiana e simultaneamente apóstolos-religiosos e religiosos-apóstolos. A ‘consagração’ envolve toda a nossa vida; e a ‘missão’ qualifica todo o nosso testemunho”.¹³ A missão, entendida em seu significado bíblico que a vincula à de Cristo consagrado do Pai e enviado ao mundo, surge assim como um aspecto constitutivo da nossa própria consagração. De outra parte, a nossa vida consagrada se define e determina pela missão, e nela se deve projetar e realizar. É o que exprimem as Constituições afirmando que “a missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas” (Const 3).

Isso tudo toca as raízes da nossa identidade de salesianos e se torna orientação concreta para nossa vida e espiritualidade, com conseqüências no modo de trabalhar, de viver em comum, de rezar.

Primeiramente a consciência do nosso ser consagrados-apóstolos dá o justo significado à missão, que não é simplesmente atividade ou ação exterior, mas é dom de Deus. Insere-nos no mistério trinitário do envio do

13 ACG 312, p.13

Filho e do Espírito Santo por parte do Pai e na própria missão da Igreja e da sua específica missão histórica.

Daí deriva o acento especial colocado na *interioridade* como condição essencial para a eficácia da ação apostólica e missionária. De fato, o ardor na missão provém do mistério de Deus:¹⁴ a Igreja e a Congregação só poderão enfrentar os desafios da nova evangelização se estiverem constantemente unidas a esse mistério.

Nesse aspecto entrevê-se um caráter típico da nossa espiritualidade de consagrados-apóstolos: consagrados e, portanto, firmemente enraizados em Cristo e no seu Espírito, em atitude de obediência filial ao Pai, que nos chamou e, ao mesmo tempo, “missionários dos jovens”, enviados para lhes comunicar o Amor sem limites: é o nosso dinamismo espiritual de base que nos coloca na vertente da espiritualidade de vida ativa.¹⁵

Vivida em plenitude, ela é a estrada da nossa santificação. A ação apostólica, e para nós concretamente, a opção educativa, no interior do projeto de vida consagrada, torna-se lugar privilegiado de encontro com Deus e, portanto, caminho de santidade, a ponto de se poder dizer que o salesiano é chamado *a se santificar educando*.¹⁶ Trata-se de “fazer do compromisso educativo o espaço espiritual e o centro pastoral da própria vida, da própria oração, da própria profissionalidade, da vida cotidiana”.¹⁷

É interessante lembrar, concluindo, como os mesmos sofrimentos são valorizados para o salesiano pela sua consagração apostólica. “A nossa espiritualidade da ação não nos ensina a rodear a dor, a passar por cima dela, a eliminá-la; mas a aceita transformando o seu significado, transformando-a em potencial de salvação. Até o sofrimento vivido como participação do mistério pascal de Cristo tem, assim, valor apostólico próprio, e não pequeno”.¹⁸

14 Cf. ACG 336, p. 16

15 Cf. ACG 334, p. 33; 336, p. 35-36

16 ACG 337, p. 38

17 ACG 337, p. 39

18 ACS 308, p. 18.

3. O Cristo que seguimos e contemplamos (ACG 290. 296. 334. 324. 337)

Partamos de um fato conhecido. “Nós somos discípulos de Cristo, que realizaram com a profissão religiosa um gesto de liberdade particularmente original: escolhemos de forma radical e definitiva o Senhor ressuscitado. *Cristo constitui a nossa opção fundamental* que condiciona e orienta todas as demais opções. O coração do salesiano passa pelo mistério pascal antes de percorrer qualquer outra estrada da história. Só partindo de Cristo se explica o nosso tipo de vida, a nossa pertença à Igreja, a nossa missão juvenil e popular, o nosso projeto educativo, a nossa atividade e o estilo com que o fazemos.

É importante, hoje, renovar com clareza a consciência dessa opção fundamental para que se torne operativa em nossas convicções, testemunho de vida e compromissos de trabalho.”¹⁹

19 ACS 296, p. 5

Trata-se do mistério total de Cristo e de sua manifestação ainda em curso: Cristo filho de Deus e verdadeiro homem, nascido de Maria, morto e ressuscitado; consagrado e enviado; Fundador e cabeça da Igreja; Profeta, Sacerdote e Rei. Temos acesso a Ele através da escuta e meditação da Palavra, particularmente o Evangelho, através da celebração do mistério eucarístico, do empenho de conversão e do esforço de configuração, da participação na vida da Igreja, da escuta das invocações de salvação que se elevam do mundo, particularmente dos jovens.

Existem, entretanto, algumas representações de Cristo que atraem de modo especial a nossa atenção de salesianos. Apresentamo-las com textos originais do Padre Egidio Viganò.

Cristo Bom Pastor

“É Ele o Centro vivo e existencial da nossa vida consagrada. Todos os consagrados se centram em Cristo, mas o nosso testemunho específico é caracterizado pelo aspecto pedagógico pastoral pelo qual olhamos para Cristo como ‘Bom Pastor’, que criou o homem e ama suas qualidades, que o redimiu e perdoa os seus pecados e que, pelo seu Espírito, o torna criatura nova. Essa centralidade de Cristo Pastor deve brilhar como sol em nossos ambientes pelo renovado impulso eucarístico e com todas as iniciativas que expressem um modo cotidiano de viver e educar ‘que impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade, no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar’ (Const 20). A insistência sobre Cristo ‘Bom Pastor’ comporta certamente a generosidade da dedicação aos jovens até a cruz, mas evidencia também a atitude que conquista com a mansidão e o dom de si, com a bondade...”²⁰

20ACG334,p.33-34

Cristo amigo dos jovens

“O evangelho manifesta o amor de Jesus aos jovens de várias maneiras: Ele os ama (Mc 10,21: *olhando-nos olhos, ele o amou*); os quis perto de si (Mt 19,14-15; Mc 10,13-16; Lc 18,15-17: *Deixai as crianças...*; Lc 19,46-48: *Quem acolhe uma criança...*); os convida a segui-lo (Mt 19,16-26; Mc 10,17-22: *o jovem rico, os cura* (Jo 4,46-54: *Vai, teu filho vive*); os ressuscita (Lc 7,11-15: *Jovem, eu te digo, levanta-te!*); Mc 5,21-23; Lc 8,40-45: *afilha de Jairo*); os liberta do demônio (Mc 17,14-18; Lc 9,37-43: *expulsa o demônio de um jovem*; Mt 15,21-28; Mc 7,24-30: *e da filhinha da mulher*

cananéia ou siro-fenícia); os privilegia com o perdão (Lc 15,11-32: *parábola do filho pródigo*); apóia-se nelles para fazer maravilhas (Jo 6,1-15: *Há aqui um jovem com cinco pães e dois peixes...*).

A predileção radical de Dom Bosco não se explica sem Jesus Cristo; na seqüela de Cristo encontra-se a fonte borbulhante da sua origem e da sua vitalidade.”²¹

21 ACG 290, p. 15-16

“O coração do salesiano é todo ocupado por Cristo para amar os jovens como Ele os ama; olha para Ele, amigo dos pequenos e dos pobres, por isso sua dedicação à juventude e às camadas populares se torna mais intensa, mais perseverante, mais genuína, mais fecunda...

Num momento de busca de identidade pessoal e coletiva, a primeira coisa a garantir é o próprio significado da nossa profissão religiosa, que nos incorpora numa comunidade que fez a grande opção de Cristo salvador e pastor, amigo dos jovens.”²²

22 ACS 296, p. 6-7

Cristo, o homem novo

“...Sem muita dificuldade, descobrimos que o homem é a verdadeira obra-prima de Deus, feito à sua imagem, síntese viva das maravilhas cósmicas, livre e audaz, que pensa, julga, cria, ama e que, por isso, é destinado a ser o liturgo de todo o criado, voz de louvor, mediador de glória, em diálogo de felicidade com o mesmo Criador.

E é precisamente em nossa história que Deus, quando chegou a plenitude dos tempos, faz surgir o Homem novo, que é a sua definitiva obra-prima.

Ele é o vértice de toda a obra da criação. Nele – diz o Concílio – “o mistério do homem encontra sua verdadeira luz... Ele é a imagem do Deus invisível; é o homem perfeito... unido de certo modo a todo homem... primogênito entre muitos irmãos.”

Em sua vida terrena Ele se sentiu solidário com cada homem, de todos os séculos, desde Adão (seu progenitor) até seu último irmão gerado no final dos tempos. Solidário no bem e no mal, venceu o pecado com a potência do maior amor, testemunhado com o dom da própria vida no acontecimento supremo da Páscoa...”²³

23 ACG324, p. 17-18

“O fim e o horizonte a que tende a obra educativa é Cristo, o ‘Homem novo’; todo jovem é chamado a amadurecer nEle e à sua imagem...”

Não se trata de polemizar, mas de se convencer que o acontecimento Cristo não é expressão de uma formulação ‘religiosa’, mas um fato objetivo que se refere concretamente a cada indivíduo da espécie e que dá sentido definitivo à história humana. Cada pessoa precisa de Cristo e tende para Ele, mesmo que não o saiba. É direito existencial de cada um poder chegar a Ele: impedi-lo é, de fato, conculcar um direito humano. A tendência para Cristo, consciente ou inconsciente, adormecida ou não, é intrínseca à natureza do homem, criado objetivamente na ordem sobrenatural, e na qual o projeto ‘homem’ foi pensado em vista do mistério de Cristo, e não o contrário.”²⁴

24 ACG337, p. 31-32

Cristo, coração do mundo e mistério atuante na história

“O qualificativo *novo*, em referência à cultura, indica simplesmente uma emergência no vir-a-ser, embora exija uma atenta e renovada forma de pastoral; diversamente, em referência ao mistério de Cristo, o qualificativo *novo* indica a plenitude da verdadeira e definitiva novidade. É novo não porque nunca o tenhamos ouvido ou porque seja questionado por problemas que eram antes desconhecidos, mas porque é o ápice maravilhoso da aventura humana; proclama, com efeito, a meta suprema da história e a fonte de toda esperança de todos os séculos.

... Evangelizar significa, antes de tudo, saber anunciar ao homem de hoje a alegre e agradável notícia da Páscoa, que transforma e faz explodir a atração caduca das novidades que se desenvolvem, que se transformam logo na monotonia insatisfeita, que costuma caracterizar a existência aborrecida de uma civilização apenas horizontal.”²⁵

25 ACG 331, p. 12

“Com razão, portanto, o Concílio afirma que Jesus Cristo é ‘o fim da história humana, o ponto focal dos desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todo coração, a plenitude de suas aspirações...’ (GS 45).

Considero importante, queridos irmãos, revisitar continuamente essa síntese de fé para... nos convenceremos de que não é possível prescindir de Cristo na promoção do homem e no desenvolvimento de uma verdadeira pedagogia salesiana.”²⁶

26 ACG 324, p. 18-19

4. A caridade pastoral

(ACG 304. 312. 326. 332. 334. 335. 337. 338)

O artigo das Constituições que introduz o espírito salesiano afirma que “o seu centro e síntese é a caridade pastoral, caracterizada por aquele dinamismo juvenil que tão fortemente se revelava em nosso Fundador e nas origens da nossa Sociedade” (Const 10).

São afirmações muito empenhadoras. Não se trata de um elemento a mais a ser colocado ao lado de outros, mas da fonte da nossa identidade espiritual e pastoral. Dela brota a energia unificadora que imprime em nós uma fisionomia própria, nos impele à doação de nós mesmos, nos une em comunhão.

É preciso, então, a ela retornar muitas vezes para esclarecer a natureza, aprofundar os conteúdos e espe-

cificar suas conseqüências práticas, não se contentando com perspectivas genéricas e com a ressonância espontânea que essas perspectivas produzem em nós.

O ponto privilegiado de observação, como todos os aspectos do carisma, é a experiência do Fundador e a vida do grupo dos primeiros discípulos, vistos no estado nascente.

“A Família Salesiana nasceu do amor de Dom Bosco pela juventude. Um amor de predileção que permeou e desenvolveu suas inclinações e seus dotes naturais, mas que era radicalmente dom especial de Deus em vista do plano de salvação nos tempos modernos. Essa predileção brotava nele da adesão entusiasta e total a Cristo.”²⁷

27 ACS 290, p. 15

A primeira centelha da vocação salesiana é o amor de Deus intenso, bem-definido, orientado para a juventude pobre e abandonada. Em Dom Bosco se tornará à medida de um projeto de vida. Ele compreenderá que se trata de uma graça singular. “O Senhor enviou-me aos jovens, por isso é preciso que eu me poupe nas outras coisas e conserve a minha saúde para eles.” Realizará esse projeto na seqüela radical de Cristo contemplado em sua ânsia de dar dignidade e salvar as pessoas sobretudo as mais humildes e indigentes.

A fonte, o aviamento e a energia do desenvolvimento do carisma salesiano se encontram, então, num amor com dois pólos indissolúveis, Deus e os jovens; na doação total de si a Deus na missão juvenil e, em correspondência, na doação total de si aos jovens num movimento para Deus. A santidade de Dom Bosco amadurecerá nessa linha. Para perseguir esse ideal, convocará os jovens nos quais descobre disponibilidade. Isso dará a imagem original da Congregação nascente.

A caridade é o fundamento e a energia de toda vida espiritual, o primeiro de todos os mandamentos como raiz e o maior deles como meta a ser atingida, a subs-

tância e o melhor dos carismas, o distintivo de qualquer estado ou vocação cristã. Foi assim para Jesus, para São Paulo (cf. 1Cor, 13-14), para o nosso Patrono São Francisco de Sales, que narrou a sua beleza também humana. O mesmo para Dom Bosco, que exalta toda forma de caridade como característica excelsa do coração cristão. No sonho dos dez diamantes, a caridade, sem especificações, é colocada à frente e justamente sobre o coração da personagem. Três daqueles diamantes estavam no peito... o que se encontrava sobre o coração trazia a palavra: *Caridade*. É, em todo o caso, aquele amor que quis a sua manifestação maior em Jesus Cristo, Filho do Pai e Redentor do homem, e que o Espírito Santo infunde no nosso coração no momento em que nos insere em Cristo, pela fé e pelo batismo.

Devido à riqueza de Cristo, à criatividade do Espírito e às possibilidades expressivas da pessoa humana, existem inumeráveis “tipos” ou concretizações históricas da caridade.

No centro do espírito salesiano está aquela que se qualifica como “*pastoral*”. O que traz imediatamente à mente a imagem de Deus Pastor, que tira o seu povo da escravidão, o guia no deserto, conduz para lugares verdejantes, revela o seu plano, faz aliança com ele. Recorda também, e principalmente, a figura de Cristo Bom Pastor, que percorre as estradas, encontra o povo, cura e revela o Reino, morre na cruz e ressuscita para que os homens tenham a vida em abundância. “*Pastoral*” fala de vida, alimento, dignidade, orientação, desde o nível mais elementar ao mais alto.

A caridade pastoral se inflama na contemplação do mistério de Deus, que intervém na história para salvar. Manifesta-se no desejo de participar de sua obra de salvação, de colocar-se à sua disposição para agir em união com Ele.

Seu conteúdo é o dom total de si como disposição e como fato. “Não é só o que fazemos, mas o dom de nós mesmos que demonstra o amor de Cristo pelo seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o nosso modo de nos relacionar com o povo.”²⁸

28 PDV, 23

O dom de si na caridade pastoral tem a Igreja como destinatária e, através dela, a humanidade. Exprime-se na vontade de serviço sem termos e limites “sendo marcado pelo mesmo arrebatamento apostólico e missionário de Cristo”.²⁹ O Concílio e os documentos sucessivos falam disso pormenorizadamente ao se referirem aos presbíteros e pastores, que têm a seu encargo o povo de Deus.

29 Ib.

Pastoral é, pois, aquele amor que se insere na missão da Igreja e nela constrói comunhão sempre mais larga e profunda. Pastoral é o amor que tem em vista a salvação total das pessoas em Cristo e tudo o mais em função dela. Pastoral é o amor que se entrega confiante às energias salvíficas instauradas por Cristo Pastor: palavra, fé, graça, comunhão eclesial.

A caridade pastoral salesiana teve, desde os inícios, uma ulterior determinação. Plasmou-se como caridade *educativa*. Movido pela paixão apostólica, Dom Bosco escolheu como campo próprio os jovens que não sabiam a que paróquia pertenciam. Encarregou-se de ser para eles não só sacerdote-pastor, mas pai e mestre de vida: orientador no crescimento humano, companheiro no trabalho, comunicador de cultura, animador de seu tempo livre. Traduziu nesse cenário em gestos cotidianos o seu amor, que desejava ardentemente a salvação dos jovens. Nasceu daí uma fisionomia e uma praxe: o sistema preventivo.

Esse foi o ângulo escolhido por João Paulo II ao afirmar que Dom Bosco realiza a sua santidade pessoal através do empenho educativo vivido com zelo e coração

apostólico. E que é justamente no intercâmbio entre educação e santidade que se encontra o aspecto característico de sua figura. Ele é um educador santo.³⁰

30 IP, 5

“Esse é o ‘carisma primeiro’ de Dom Bosco – afirma o Padre Viganò –. Não estamos aqui no nível de inclinações ou preferências naturais: estamos decididamente acima... Encontramo-nos além das fronteiras daquilo que chamamos, com uma ponta de suficiência, de ‘o normal’; encerra, de fato, a existência naquilo que ela tem de maior, como uma brasa sob as cinzas encerra um germe de fogo... como a experiência da estrada de Damasco no espírito de Paulo” (Tillard). É o lugar primeiro da vocação de Dom Bosco e, portanto, da sua intuição artística de educador e da sua originalidade espiritual de santo.”³¹

31 ACS 290, p. 16

5. “Da mihi animas”

(ACG 332. 336. 334. 353)

Escreve o P. Viganò: “A minha convicção é que não existe outra expressão sintética que melhor qualifique o espírito salesiano que esta, escolhida pelo próprio Dom Bosco: *Da mihi animas*”.

Os grandes Institutos e as correntes de espiritualidade condensaram o cerne do próprio carisma numa fórmula brevíssima e resumida. Podemos recordar o “paz e bem” dos franciscanos, o “ora et labora” dos beneditinos, o “ad maiorem Dei gloriam” dos jesuítas.

As testemunhas da primeira hora e a reflexão posterior da Congregação levaram à convicção de que a expressão que melhor exprime a caridade pastoral dos Salesianos de Dom Bosco é justamente o “da mihi animas”. Aparece freqüentemente nos lábios de Dom Bosco e influiu de

32 G.BOSCO, *Vita di San Domenico Savio*, cap. VIII

forma determinante em sua fisionomia espiritual. É a máxima que chamou a atenção de Domingos Sávio no escritório de Dom Bosco, ainda jovem sacerdote (34 anos) e o levou a um comentário que ficou famoso: “Entendi que aqui não se faz negócio de dinheiro, mas de almas”.³² Ele percebeu rapidamente que Dom Bosco não lhe oferecia apenas pão, instrução e casa, mas sobretudo a oportunidade de conhecer Jesus e de crescer espiritualmente. A centralidade das “almas” é reafirmada pelos Reitores-Mores. Comentam-no o P. Rua, P. Albera, P. Rinaldi. Foi também aceita pela liturgia: “Suscita em nós a mesma caridade apostólica, que nos leve a buscar as almas e servir-te como único e sumo bem”.

Deve-se, pois, aprofundar o significado dessa expressão.

A interpretação espiritual da Bíblia oferece uma base de onde tirar um núcleo válido de conteúdo: é a distinção entre as “pessoas” e o “objeto”, as coisas. A presença de Melquisedeque e a bênção que pronuncia sobre Abraão dá um particular sentido religioso e messiânico ao texto, tradicionalmente aceito. Mas seria inexato querer manter ou cancelar o mote-programa apenas com base numa interpretação correta da Bíblia. A palavra de Deus, de fato, carrega-se de significados na história, particularmente na história da santidade. E esse não é o único caso.

Importante é a interpretação pessoal de Dom Bosco, na visão religioso-cultural de seu tempo, e o fato de que nela tenha modelado sua vida e sua experiência de Deus. Nessa visão, “alma” indica a dimensão espiritual do homem, centro de sua liberdade e raiz de sua dignidade, espaço privilegiado de sua abertura a Deus, onde se faz sentir e oferece o Espírito.

O entrelaçamento dos dois significados, o bíblico e o desenvolvido por Dom Bosco, aproximados de nossa cultura, sugere opções muito concretas de vida e de ação.

Primeiramente, o amor, a caridade pastoral, leva em consideração a pessoa e a ela se dirige antes e acima de tudo: intui o seu valor, sobretudo à luz do amor de Deus Pai, da obra redentora de Jesus, da presença do Espírito. As “coisas” vêm depois, são de menor valor, têm também uma importância menor no processo educativo.

Além disso, a caridade que vê sobretudo a pessoa é orientada pela “visão” dela, cifrada na palavra “alma”. A pessoa não vive só de pão; ela tem, sim, necessidades imediatas, mas também aspirações infinitas. Precisa de bens materiais, mas sobretudo de sentido e de valores espirituais. Segundo a expressão de Agostinho: “É feita para Deus, sedenta dele”. As “coisas” estão, então, em função dessa vocação única, pela qual o coração se abre a Deus e entende que Ele é o seu destino.

A salvação que a caridade pastoral procura e oferece é, então, plena e definitiva. Tudo o mais a tem em vista: a beneficência tem em vista a educação; esta, a iniciação religiosa e cristã; a iniciação religiosa, a vida de graça e a comunhão com Deus.

Em outras palavras, pode-se dizer que damos o primado à dimensão religiosa na existência da pessoa. E o mesmo na educação e promoção, não por proselitismo, mas porque estamos convencidos de que ela é a fonte mais profunda do seu crescimento e felicidade. Cuidamos de sua profundidade, de seu desenvolvimento correto e de sua expressão. Num tempo de secularismo e de religiosidade desbaratada, essa orientação não é destituída de significado nem de fácil realização.

A máxima contém também uma indicação de método para a ação: na formação ou regeneração da pessoa é preciso insistir sobre seus recursos espirituais: a consciência moral, a abertura para Deus, o pensamento do seu destino eterno. A pedagogia de Dom Bosco é uma

pedagogia da alma, da graça, do sobrenatural. Quando se chega a ativar essa energia, começa o trabalho mais profícuo da educação. O outro, válido em si, é propedêutico e concomitante a isso, que o transcende.

Daí deriva uma prioridade na vida e na ação pastoral de quem assume o “da mihi animas”, de onde brota uma ascese: “Deixa o resto”. Deve-se renunciar a muito para se dedicar com plenas forças ao que se escolheu de preferência. Isso em relação a gostos pessoais e também a legítimos campos de ação que distrairiam tempo e recursos. Podem ser confiados a outros, bem como deixar de lado muitas atividades para se ter tempo e disponibilidade para abrir os jovens a Deus.

“Quem percorre a vida de Dom Bosco, seguindo seus esquemas mentais e explorando as linhas do seu pensamento, encontra uma matriz: a salvação na Igreja católica, única depositária dos meios salvíficos. Ele percebe como o desafio da juventude abandonada, pobre, vagabunda desperta nele a urgência educativa de promover a inserção desses jovens no mundo e na Igreja através de métodos de doçura e caridade, mas com uma tensão que tem suas origens no desejo de salvação eterna do jovem.”³³

Podemos nos perguntar o que implica na vida cotidiana o “da mihi animas”. Em primeiro lugar implica um “coração” pastoral: vontade, impulso, desejo de trabalhar, ter gosto nas empresas pastorais, estar disposto, doar-se com espírito alegre, sentir-se atraído por aqueles que mais precisam, considerar proporcional todas as fadigas, esperar facilmente as pequenas frustrações, não desertar, enfrentar riscos e dificuldades como se fossem ninharias. O contrário é indiferença, é enfrentar os empenhos pastorais como obrigação de deles desincumbir-se o mais rápido possível.

33 P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, Vol. II, PAS-VERLAG, Zürich, 1969, p. 13

Mas além do “coração”, o “da mihi animas” postula o senso pastoral. Este, como o senso artístico ou dos negócios, é como que um faro, um movimento espontâneo, um modo de se colocar rapidamente em situação de perspectiva e ao lado de quem nos preocupa.

Consiste em saber julgar as coisas do ponto de vista da salvação da pessoa, em ter uma óptica pastoral na leitura dos acontecimentos, em ter critérios, chaves ou pontos de referência válidos para pensar e impostar uma atividade, de tal modo que as pessoas cresçam humanamente e consigam tornar-se conscientes da presença de Deus Pai em sua existência.

Há ainda a capacidade pastoral: preparação profissional específica, exigida pelo “da mihi animas”, pelo qual aprendemos e nos aperfeiçoamos no motivar, instruir, animar, santificar. Tornamo-nos capazes de entender um contexto, elaborar um projeto que responda a suas urgências e realizá-lo, tendo em conta também o elemento invisível e imponderável que existe sempre no trabalho pelas almas.

Por último é preciso também a criatividade pastoral, ou seja, a atitude mental que leva a encontrar soluções originais para problemas e situações novas. Dom Bosco concebe um projeto para jovens de rua enquanto as paróquias continuam com o catecismo “regular”. Logo depois, quando percebeu que os jovens não estavam preparados para o trabalho nem protegidos nele, pensou uma solução “pequena” e “caseira” que depois cresceu: os contratos de trabalho, as oficinas, as escolas profissionais. E assim para outras necessidades, como casa, instrução.

O Padre Ceria indica o traço característico do espírito salesiano: “O primeiro traço, que mais salta aos olhos de todos, é uma prodigiosa atividade tanto individual como coletiva”.³⁴

34 E. CERIA, *Annali*,
c. CXVII, p. 722

**6. “Esforça-te por fazer-te amar”:
A pedagogia da bondade
(ACG 290. 326. 310. 332)**

Quando se tratou de escolher uma expressão carismática para gravar na cruz do Bom Pastor, símbolo da profissão, do projeto de vida salesiano, o P. Viganò escolheu a frase de Dom Bosco: “*Esforça-te por fazer-te amar*”.

Em nossa literatura abundam expressões como “amor pedagógico”, “bondade erigida como sistema”, “doçura de São Francisco de Sales”, “pedagogia do coração”. Isso tudo deve ser relacionado com o sistema preventivo, particularmente com aquela constelação de atitudes e orientações práticas que se relacionam com a amabilidade. Na raiz está sempre a caridade que busca a salvação do jovem, manifestada por um afeto perceptível, temperado pela racionalidade.

A caridade pastoral salesiana se plasmou “em contato com os jovens”, no esforço de ajudá-los a valorizar a vida, envolvendo-os na responsabilidade do crescimento pessoal. Teve, pois, que instaurar uma relação educativa não só de respeito e disciplina racional, mas de amizade e confiança filial. Especialmente com os jovens provados, em situações difíceis, onde essa relação devia ser recriada e feita novamente confiável. A amabilidade ou bondade se tornou então forma substancial da caridade de Dom Bosco. Ela consiste em suscitar uma correspondência que recai sobre a própria proposta educativa e nos dinamismos de crescimento do jovem. Por ela a proposta educativa se torna confiável, e os jovens se sentem estimulados a dar o melhor de si.

A recomendação de Dom Bosco “esforça-te por fazer-te amar” tem, então, um valor estratégico na pedagogia,

mas é também uma explicação caracterizadora do espírito salesiano. Dá um aspecto original a toda a Congregação, que se enriquece com o dom de saber aproximar-se dos jovens, falar na altura de sua onda, estimulá-los no crescimento humano, atraí-los a Deus e à Igreja.

Quando nos pomos a aprofundar essa bondade, percebemos que vai além do gesto de simpatia. Ela apresenta uma articulação extremamente robusta de convicções, atitudes e praxes que empenham toda a personalidade.

Comporta, na ordem das atitudes profundas, a identificação com a bondade do Pai, “que guia com paterna providência” (Const 20) toda criatura. Alimenta-se da contemplação de Cristo Bom Pastor, que conquista o coração com a doçura e se faz próximo dos humildes, indigentes, abaixando-se sobre suas necessidades imediatas e acolhendo suas exigências imperfeitas para abri-los a riquezas superiores. Contempla o comportamento materno de Maria, atenta ao sustento e ao crescimento da humanidade de Cristo para que a divindade encontre a adequada mediação histórica.

Isso torna “boa” a visão sobre o homem, sobre suas possibilidades e realizações. Leva a descobrir na cultura e na história as sementes de bem e impele a cultivá-los com confiança. Essa visão se pousa especialmente sobre as possibilidades de cada jovem. Ninguém está definitivamente perdido. Qualquer que seja sua situação atual, existem dentro dele energias que, convenientemente despertadas e alimentadas, podem fazer disparar a vontade de se construir como pessoa. Todo jovem traz em seu interior a marca do plano de salvação, em que cada um encontra uma promessa de vida plena e feliz. “Em cada jovem, mesmo no mais desgraçado – dizia Dom Bosco – existe um ponto que reage com generosidade, quando oportunamente descoberto e estimulado pelo educador.”

A bondade sugere, todavia, além das atitudes diante da realidade e das pessoas, comportamentos na prática educativa que geram correspondência conforme uma experiência constatada. Dom Bosco desenvolveu-os longamente na carta de 84. Recordamos três deles.

Antes de tudo capacidade de encontro, prontidão à acolhida e familiaridade. O contrário é separação, distância, incomunicação, ausência. Foi sublinhado que essa era a arte de Dom Bosco: dar o primeiro passo, eliminar barreiras e suscitar o desejo de outros encontros.

O exercício da caridade educativa nos leva a pensar em dois fenômenos atuais: o afastamento físico de tantos jovens, a distância psicológica de outros, dos quais, embora próximos, estamos separados por temas, linguagem, gostos e pertenças. E nos dá a idéia da carga mística e ascética que comporta entrar em diálogo com eles.

A segunda manifestação da vontade é dedicar-se com paciência e cuidado à construção de um ambiente rico de humanidade, uma família onde possam sentir-se inseridos e ajudados, e onde encontrem o espaço para se exprimir, enquanto vão assimilando com alegria os valores propostos. Os Salesianos, como Dom Bosco, tornam-se capazes de se aproximar dos jovens nos lugares mais disparatados; mas, também, gastam tempo e forças para animar uma comunidade juvenil, caracterizada por traços determinados, capaz de acolher quantos desejem fazer parte dela oferecendo-lhes uma experiência positiva de convivência, responsabilidade e compromisso. É o ambiente onde a bondade se torna sistema preventivo, porque inspira a organização, o clima, as regras e os papéis.

Da acolhida e da familiaridade nasce a amizade profunda entre educadores e jovens. Ela provoca a confi-

ança e cria uma relação educativa pessoal prolongada, que, na realidade, é o que serve para o crescimento. Quanto a nós, é estímulo para refletir sobre a praxe atual e submetê-la à revisão, percebendo em que medida atingimos a pessoa.

A expressão concreta é a assistência, entendida como desejo de estar com os jovens e compartilhar de sua vida. Ao mesmo tempo é presença física lá onde os jovens se encontram, trocam experiências e projetam, e força moral com capacidade de animação, estímulo e impulso. Assume o duplo aspecto da preventividade: proteger de experiências negativas precoces e desenvolver a potencialidade da pessoa por meio de propostas positivas. Estimula com motivações inspiradas na racionalidade (vida honesta, sentido atraente da existência) e na fé, enquanto reforça nos jovens a capacidade de resposta autônoma ao apelo dos valores.

A amizade-assistência desabrocha em outra singularíssima manifestação da relação educativa que nasce da bondade: a paternidade. Ela é mais que amizade. É uma responsabilidade afetuosa e confiável que oferece orientação e ensinamento vital e exige disciplina e empenho. É amor e autoridade.

Manifesta-se sobretudo em *saber falar ao coração*, de modo personalizado e personalizante, para fazer brotar as questões que ocupam atualmente a vida e a mente dos jovens; saber falar-lhes com linguagem adequada de maneira que se toque a consciência e formá-los numa sabedoria com que enfrentar problemas presentes e futuros. Numa palavra, a paternidade se manifesta no ensinamento da arte de viver segundo o senso cristão.

7. O êxtase da ação (ACG 332. 338)

35 Cf. ACG 338, p. 14

É a vertente interior do *da mihi animas*. Leva a “entender em profundidade a sua intensidade orante”.³⁵ Define o lugar e o estilo da contemplação salesiana, o momento culminante de sua união com Deus.

A expressão remonta a São Francisco de Sales, que entende o êxtase da ação como o horizonte para o qual deve tender a oração mental: fazer sair de si, serenamente, mas de modo que Deus nos atraia e nos eleve a si. E se chama êxtase porque através dele somos como que elevados acima de nós mesmos. Ele enumera três tipos de êxtases: “um diz respeito ao intelecto; um segundo ao afeto; um terceiro à ação”, “êxtase da vida e da ação” que coroa os outros dois, sem o que ficariam incompletos. “Jamais existiu um santo que não tenha tido o êxtase e o arrebatamento da vida e da ação, superando a si mesmo e as próprias inclinações naturais.”³⁶

36 São Francisco de Sales, *Trattato dell'Amore di Dio*, I, VII, cap.7, Ed. Paoline 1989, p. 527; cf. ACG 338, p. 15-16

Dom Bosco e seus sucessores, com outras expressões, se referem a esse tipo de contemplação, que funde oração e ação, orientando-as para a missão de salvação pela realização da vontade de Deus: união com Deus, senso constante de sua presença, vida interior, atividade santificada pela oração.

Foi o P. Rinaldi, no entanto, quem recuperou e iluminou a expressão de São Francisco de Sales. Na estréia às Filhas de Maria Auxiliadora para 1931 sobre a vida interior de Dom Bosco, ele as exortava a realizar nelas mesmas uma síntese vital entre a operosidade de Marta e a contemplação de Maria. Afirmava que se trata de “uma vida interior simples, evangélica, prática, laboriosa”. “Dom Bosco – explicava – identificou na máxima perfeição a sua atividade exterior, indefesa, absorvente, vastíssima, cheia de

responsabilidade, com uma vida interior que teve início com o senso da presença de Deus... e que aos poucos se tornou atual, persistente e viva a ponto de ser perfeita união com Deus. Realizou assim em si mesmo o estado perfeito, que é a contemplação operante, o êxtase da ação, em que se consumou até o fim, com serenidade estática, pela salvação das almas.”³⁷

Seria essa a interpretação salesiana do “contemplativo na ação” de origem jesuíta, trazido no art. 12 das Constituições.

Explicados, porém, a origem e o sentido da expressão, podemos nos perguntar sobre sua importância prática. Ela compreende quatro aspectos: um caminho de oração, uma forma de ação, uma força unificadora de ambas, o momento típico da contemplação.

A união com Deus é a verdadeira meta da oração. Além do diálogo ocasional, ela entende enraizar em nós o amor que nos faz sentir e desejar a Deus. A união com Deus tem muitos graus, inicia frágil e com carências, mas cresce aos poucos; é uma luz que aumenta como o alvorecer do dia.³⁸ Trata-se de uma meta, não certamente apenas do esforço humano, que exige resposta sempre mais lúcida e consciente a um dom.

Enquanto meta, supõe um caminho. Só a generosidade no agir não a produz nem a substitui. De onde a convicção de que a oração salesiana, como todas as demais formas, “exige espaços próprios e distintos das atividades de trabalho, inteiramente dedicados ao diálogo direto com Deus”,³⁹ segundo modalidades apropriadas à nossa vida, que são indicadas nas Constituições. É uma oração simples, mas assídua e intensa: suas expressões são tomadas da liturgia, da piedade popular. Não possui traços espetaculares ou fortemente emotivos; e isso, quem sabe, poderá deixar alguém frus-

37 ACS 6 de abril de 1929, n. 48, p. 733-734

38 Cf. São Francisco de Sales, *Trattato dell'amore de Dio*, I, VII, cap. 6, pp. 523-524; ACG 338, p. 18

39 ACG 338, p. 28

trado; ela se concentra na identificação com a vontade de Deus. Todas as suas expressões convergem para uma atitude fundamental: escutar a palavra de Deus que é Jesus Cristo, contemplado por nós como Bom Pastor. Sua luminosidade, seu coração, seu mistério encontram em nós as invocações do mundo, as provações dos jovens, os pedidos de salvação. O ápice desse encontro é o “memorial” de Jesus, que recorda e atualiza o seu amor ao Pai e a sua entrega pelo mundo: a Eucaristia. Enquanto a sua conseqüência é o desejo de conversão para configurar-se a Cristo, que dá a vida pelos homens.

A ação, por outro lado, não é uma qualquer, sustentada só pela generosidade ou também pelas boas intenções. Da mesma forma que a contemplação, que nela se insere, não consiste num fluir de pensamentos subjetivos de tipo religioso, mas na acolhida da ação de Deus no mundo e na vida, ajudados pelas mediações históricas. Nessa linha ao menos orienta-se a oração evangélica, especialmente o *Magnificat*. Para o salesiano, então, trata-se de uma ação de natureza pastoral educativa e em todo o caso na área da caridade, sob uma infinita multiplicidade de formas e destinatários.

Isso, porém, não basta. A ação envolve toda a nossa pessoa, não lhe é externa. Há, portanto, uma qualidade de ação que se enraíza no coração mesmo daquele que age: é o ser e sentir-se em Cristo como o ramo na videira. Ele está consciente que a sua ação é participação e colaboração naquela misteriosa ação do Pai, sob a inspiração do Espírito Santo. Assume, por isso, os critérios práticos de Cristo quanto à modalidade, finalidade, prioridade.

Entre o estilo de oração e esse tipo de ação acontece uma compenetração recíproca, embora cada um mantendo seus tempos e formas específicas. A oração invade a ação.

A ação se introduz na oração como gratidão, intercessão, desejo de salvação, sofrimento. Assim se mostra na oração sacerdotal de Cristo. O artigo 95 das Constituições nos orienta para essa permeação recíproca: “Imerso no mundo e nas preocupações da vida pastoral, o salesiano aprende a encontrar Deus naqueles a quem é mandado. Descobrendo os frutos do Espírito na vida dos homens, especialmente dos jovens, dá graças em todas as coisas; partilhando seus problemas e sofrimentos, invoca para eles a luz e a força de sua presença”.

E o ponto unificador de ambas é justamente a intensidade do amor, que leva a gastar-se pela salvação das pessoas, seguindo as estradas indicadas pelo Pai no seguimento de Cristo.

Isso tudo faz com que o momento típico da contemplação, do êxtase em que Deus nos atrai para si com maior força seja aquele em que atuamos colaborando com Ele.

Exprime-o o CG23: “Educar os jovens à fé, para o salesiano, é trabalho e oração. Ele está consciente de que, empenhando-se na salvação da juventude, experimenta a paternidade de Deus, ‘que antecede toda criatura, acompanha-a com sua presença e a salva dando a vida’. Dom Bosco nos ensinou a reconhecer a presença atuante de Deus em nosso empenho educativo, a experimentá-la como vida e amor...”. “Nós cremos que Deus nos está esperando nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para nos dispor a servi-lo neles, reconhecendo a sua dignidade e educando-os à plenitude da vida. O momento educativo se torna assim lugar privilegiado do nosso encontro com Ele.”⁴⁰

40 CG23, n. 94-95

Alegramo-nos com o jovem que se supera, damos graças diante de propósitos generosos, ficamos admirados pela estrada percorrida pela graça em alguns, so-

fremos com aqueles que são provados. Cada situação nos toca como tocava Jesus: Teve compaixão..., olhou-o e disse..., estendeu a mão.

Na mesma ação, portanto, irrompemos em invocações concentradas, nem sempre formais, como Jesus: “Naquele mesmo instante Jesus exultou no Espírito e disse: Eu te dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequenos” (Lc 10,21).

8. A graça de unidade

(ACG 312. 330. 332. 334. 337. 342. 346. 352)

O tema da “graça de unidade” foi escolhido não poucas vezes pelo Padre Viganò como fio condutor e ponto síntese na pregação de exercícios espirituais.⁴¹

Continua uma das chaves decisivas para interpretar e realizar de maneira harmônica e completa a fisionomia da espiritualidade e da vida salesiana. A expressão nasceu no CGS20 para resolver a polaridade entre as exigências da vida religiosa comunitária e as da missão traduzida em ação pastoral aberta e criativa. “O Espírito Santo – diz o CGS – chama o salesiano a uma opção de existência cristã que é a um tempo apostólica e religiosa. Concede-lhe por isso a graça de unidade para viver o dinamismo da ação apostólica e a plenitude da vida religiosa num único movimento de caridade para com Deus e o próximo.”⁴²

Podem-se encontrar outras tensões na vida do salesiano, conaturais ao seu projeto de existência evangélica: trabalho e contemplação, profissionalidade educativa e mentalidade pastoral, correta laicidade para os âmbitos onde trabalha e esforço de evangelização,

41 Cf. *Interioridad apostólica – Reflexiones sobre la gracia de unidad*, Argentina, 1988

42 CGS, 127

inserção no mundo e ascese, criatividade individual e projeção comunitária, proximidade dos jovens e testemunho de valores, colaboração na Igreja e pertença a uma comunidade carismática.

Dom Bosco é o espelho onde refletir essas tensões e sua harmonização sem mortificações indevidas. As Constituições (cf. Const 21) descrevem-no como profundamente homem e ao mesmo tempo homem de Deus, aberto às realidades terrestres e cheio dos dons do Espírito, capaz de caminhar entre as vicissitudes deste mundo e vivendo “como se visse o invisível”. E nos apresentam, num crescendo, o acordo entre natureza e graça, a harmonia que se foi criando entre suas saudáveis tensões e finalmente a fusão de todas “num projeto de vida fortemente unitário”.

A unidade é uma graça incluída no chamado à vida salesiana que comporta, como qualquer forma de vida, um desenvolvimento unitário. O Espírito Santo infunde desejo, gosto e energia para viver a vocação salesiana em sua totalidade como forma de expressão da filiação divina nossa e dos jovens. Mas a unidade é também fruto de uma resposta do salesiano, das comunidades e da mesma Congregação. Exige atenção, discernimento, radicalidade, revisão, conversão. Trata-se de fazer com que tudo convirja para o projeto: inteligência, relações, planos de ação, tempo, qualificações, afetos, restando a dispersão. A unidade não é algo dado ou pré-fabricado, mas realidade humana e espiritual em consciente e permanente construção para uma maior riqueza da pessoa, da comunidade, do projeto apostólico.

Percorramos de novo os diversos âmbitos onde já experimentamos essa graça e veremos brotar continuamente a sua necessidade porque nela sempre surgem novos desafios.

A graça de unidade orienta a renovação da nossa Congregação através do retorno às fontes carismáticas além da materialidade dos acontecimentos históricos das origens. Encoraja a acolher com plenitude a autêntica tradição salesiana e a relacioná-la com aquilo que o mesmo Espírito está atuando no coração dos jovens e sugerindo à sua Igreja. O Espírito que ontem se fez presente em Dom Bosco é o mesmo que hoje fala aos Salesianos dóceis e atentos. Quem quer que seja chamado a discernir deve assumir esse critério de interpretação para compreender o que o Espírito diz hoje a cada Instituto religioso.

A graça de unidade preside, na Igreja e nos Institutos religiosos, à síntese do elemento institucional com o elemento profético. Serve de ponte entre esses dois aspectos que não podem ficar contrapostos, nem na vida da Igreja, nem na vida da Congregação, nem na existência de cada salesiano. É o mesmo Espírito que inspira as estruturas essenciais para a vida da Igreja e as expõe, por assim dizer, ao impacto da profecia para mantê-las capazes de se abrir ao novo e se reestruturar a partir de dentro como um corpo vivo.

Quebras, dilacerações, contraposições destrutivas evidenciam falta de acolhida do dom de Deus que continuamente deve ser feito frutificar.

É no Espírito e com a graça de unidade que se compõem também as tensões que possam surgir entre carisma e autoridade, entre obediência e comunhão na Igreja e na comunidade religiosa. Essa graça alimenta, de fato, em nós a preocupação sincera pela unidade eclesial; leva-nos a sentir a nossa originalidade carismática e pastoral como dom para a Igreja, a cultivar a comunhão com os bispos e com o sucessor de Pedro, a escutar as orientações e a vida da Igreja, a abrir-

nos a partir dos valores humanos até o encontro com toda experiência religiosa bem inspirada, a tentar todos os caminhos para realizar a verdade dentro da caridade, mesmo em nível de experiência humana.

Enfim, na vida de cada Salesiano e das comunidades, a graça de unidade leva à superação positiva, adiante e a partir do alto, das tensões a que se submete a própria existência. Como disse João Paulo II no CG23: “garante a inseparabilidade vital entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes”.⁴³

43 CG23, n. 332

Não existe, para ela, autêntico amor de Deus que não se traduza, por íntima amorosa necessidade, em generoso amor pelo homem. Nem acontece verdadeiro amor pelo homem que não leve a elevar os olhos a Deus para pedir à sua força a realização de toda caminhada e de todo desejo.

A ação inclui, então, a dimensão contemplativa, que une harmoniosamente oração, empenho pastoral e sofrimento apostólico. “Oração, ação, paixão – escreve o Padre Viganò – se referem juntas e vitalmente a dois pólos: Deus jamais existe sem o homem; o homem jamais existe sem Deus.”⁴⁴

44 *Discurso conclusivo do Simpósio da Família Salesiana sobre Dom Bosco Fundador*, ACG 329, p. 44

Onde não atuar essa graça, o desejo de oração leva a intimismos, separações da comunidade ou do serviço pastoral; o impulso apostólico leva a ações individualistas e desordenadas; a evangelização se limita a grupos seletivos e a conteúdos rigidamente religiosos; a profissionalidade educativa leva à inexpressividade da fé.

Dom Bosco – observa o P. Viganò – “contempla sempre a Deus, enquanto é o maior enamorado do homem”.⁴⁵ E a graça de unidade quer sublinhar a unidade profunda, que deriva – no coração e na ação do apóstolo – da contemplação de Deus enamorado do homem.

45 *Don Bosco, attualità di un magistero pedagogico*, LAS, Roma, 1987, Apresentação, p. 12

9. Educar evangelizando, evangelizar educando (ACG 290. 296. 337. 343)

A graça de unidade entende pôr remédio ao risco de fraturas dentro do coração e da vida do salesiano, cujos sinais são as dicotomias de natureza variada. Mas entende, também, responder a um outro perigo hoje eminente: o divórcio entre evangelização e educação. O tema é importante. A educação da juventude, com efeito, não só não está vinculada à evangelização, como também é propositalmente separada dela por alguns, por ser considerada como um setor cultural com desenvolvimento autônomo. Conseqüentemente existe também quem procure resultados na frente da evangelização, tentando, porém, reduzi-la ao âmbito catequético, dirigindo-a somente a grupos reduzidos. É preciso, diversamente, promover educando, educar evangelizando, santificar educando.

Que a ação salesiana compreendesse os dois aspectos, educação e evangelização, que olhasse ao horizonte humanístico e ao sobrenatural; que fosse uma síntese de processos de promoção humana e ao mesmo tempo de aprofundamentos da vida cristã, já o tinha afirmado repetidamente o CG21.⁴⁶ O mesmo capítulo tinha insistido sobre a recíproca fermentação interna a ponto de constituir um único projeto com percursos e horizontes adequados a cada uma das duas dimensões. Para descrever tal unidade, o Capítulo cunhou expressões como “promoção integral cristã”, “humanismo salesiano integral”, “educação libertadora cristã”.⁴⁷ Ou, retomando as fórmulas simples de Dom Bosco, propôs a formação do bom cristão e honesto cidadão através do crescimento na saúde, sabedoria e santidade. O CG23 se moveu na mesma

46 Cf. CG21, n. 80

47 *Ib.*, n. 81

linha, integrando num único itinerário as experiências humanas do jovem e o senso evangélico e fazendo dele um estilo típico de santidade juvenil.

Para conseguir tornar operativa essa intenção em qualquer contexto e iniciativa exigem-se não só profissionalidade e técnica, mas espiritualidade. “De fato, na mente de Dom Bosco e na tradição salesiana, o Sistema preventivo tende sempre mais a se identificar com o espírito salesiano: é ao mesmo tempo pedagogia, pastoral e espiritualidade, que associa, numa única experiência dinâmica, educadores (como indivíduos e como comunidade) e destinatários, com atitudes e comportamentos nitidamente caracterizados.”⁴⁸

48 CG21, n. 96

A distinção, a inter-relação, a fusão existencial das duas dimensões apresentam exigências em níveis diversos.

Um primeiro nível é o da mentalidade dos educadores. Na raiz de sua visão educativa devem atuar algumas convicções: a exemplaridade de Cristo, que assume e transforma o humano na pessoa divina, a vocação de todo homem a se tornar harmoniosa e unitariamente filho de Deus e filho do homem, a necessidade da graça para realizar em plenitude a própria humanidade; a revelação como manifestação do sentido da existência humana porque ilumina a origem e o destino do homem e sustenta a sua caminhada. E, de outro lado, o valor da experiência humana, o apelo que se esconde nas questões juvenis e nos acontecimentos históricos, o valor teológico dos caminhos educativos através dos quais passa normalmente a graça da redenção que gera o homem novo.

Se explicitamente se reconhece a contribuição substancial que graça e revelação dão para o crescimento do homem, se mantém igualmente alerta a atenção à situação do destinatário, para tomar os caminhos da

paciência cotidiana, da gradualidade que aceita mover-se na medida do jovem.

Há depois um segundo nível, da experiência pessoal do educador. Em sua mente se dá por primeiro a síntese entre cultura e Evangelho, quando ele sabe colocar-se diante dos fatos da existência e correntes culturais avaliando-os de acordo com critérios evangélicos para assumir o positivo, contestar o ambíguo e corrigir o negativo. Será em sua existência que irá acontecendo a integração entre fé e vida com a valorização de tudo quanto seja humano, nobre e bom e ao mesmo tempo com abertura às perspectivas insólitas de Cristo.

Em seguida, existe o nível da praxe educativo-pastoral, onde os processos de educação e evangelização não se justapõem nem se colocam como caminhos sucessivos reciprocamente exclusivos. Não se delegam a responsabilidades distintas e incommunicantes. Simplesmente se educam, como crentes, porém. Evangelizam-se, mas como educadores segundo a situação dos jovens. As duas coisas fazem-nas todos singularmente e em comunidade, porque se trata de comunicação de vida mais que de papéis ou tarefas didáticas. As duas dimensões se unem de forma livre e variável, porque compreendem o testemunho dos educadores, as sugestões do ambiente, a escuta dos questionamentos dos jovens, a disponibilidade ao diálogo. Assim como são oferecidos na outra vertente, da evangelização, sem ordem rígida, o anúncio evangélico, a proposta de fé, a caminhada catequética, a vida na graça, o empenho, a espiritualidade.

Por último, há o nível da organização, que deve inspirar-se também nessa unidade, garantindo a identidade cristã e o caráter educativo da estrutura e dos projetos. Não importa se essa identidade não possa existir ainda de forma explícita e total (como nos países onde

a maior parte dos jovens professa religiões diversas) ou se ela é expressa somente em seus elementos mais simples (como em muitas formas de recuperação). Importante é que não seja somente formal ou institucional, mas se torne operante e atinja o coração das pessoas e ilumine as questões de vida e cultura. Só assim o Evangelho se torna profecia, fonte de alegria e energia.

O P. Egídio Viganò recomendava, na carta sobre o Projeto Pastoral, que se mantivesse claro o fim último da educação segundo o espírito de Dom Bosco para se conservar a identidade evangelizadora das iniciativas educativas. Qualquer fim intermédio na mente do salesiano é ordenado em vista da realização da vocação do jovem, que é o conhecimento e a comunhão com Deus. Por isso é preciso orientar positivamente todo o processo educativo para Cristo, escavando no significado das experiências humanas e levado a elas à luz do Evangelho. É vantajoso por isso ativar a consciência crítica sobre valores e correntes de pensamento, num momento de pluralismo como o atual.

Ao mesmo tempo, a fim de garantir o estilo educativo em nossa obra de evangelização, ele indica a prontidão positiva pelas áreas, iniciativas e instituições culturais. Elas, embora ofereçam hoje uma possibilidade de evangelização diversa do passado, nos colocam no terreno fecundo do humano, que é naturalmente aberto à palavra de Deus. Será preciso, portanto, ligar profundamente o Evangelho à cultura e, podemos acrescentar, a fé aos problemas da vida e vice-versa. E é justamente isso que exige um senso realista da gradualidade e a concretidade das mediações educativas, como comunidade, plano de atividades, testemunho e palavra dos educadores.

10. Imaculada Auxiliadora (ACG 289. 309. 322)

Como em todas as iniciativas do Espírito Santo, a maternidade de Maria é sempre interessada quando nasce um carisma. Em nossa experiência histórica, porém, isso aparece de forma singular a ponto de não se poder conceber a formação da nossa praxe pastoral sem a presença de Maria, nem o amadurecimento de nossa espiritualidade sem a contemplação de sua figura. A devoção à Auxiliadora se torna um fator integrante do fenômeno salesiano, entra a fazer parte de sua totalidade de tal modo que seria absurdo isolar um do outro. Existe um estritíssimo intercâmbio vital, um vínculo íntimo, uma relação profunda tanto com a missão salesiana como com o espírito do nosso carisma.⁴⁹ Se ela está nas origens do itinerário de Dom Bosco como graça, ela é também o ponto terminal de sua caminhada de crescimento, a maturidade do seu vasto projeto apostólico, a síntese concreta dos vários componentes da espiritualidade e a fonte vital do seu dinamismo e fecundidade.⁵⁰

49 Cf. ACS 289, p. 29

50 Cf. ACS 289, p. 30

Isso tem suas origens últimas no acontecimento de Cristo e em nossa pertença à sua comunidade, a Igreja, através da fé. É, com efeito, do vértice pascal e da perspectiva da ressurreição de Cristo e nossa que nós olhamos a nossa relação com a Virgem Maria, Mãe de Deus. Desde a anunciação criou-se uma relação de maternidade entre Maria e Jesus, que não desaparece, mas se transfigura no momento em que Ele assume sua missão e realiza sua morte. A maternidade de Maria adquire, assim, significados novos no momento redentor por excelência, na vida da Igreja e em sua assunção ao céu. “Crer na ressurreição, e afirmar que Maria é com o seu

Filho assunta ao, céu não significa que Eles vivem em qualquer astro distante, de onde poderiam chegar à terra com alguma viagem extraordinária de astronauta; significa, diversamente, que estão verdadeiramente vivos, presentes e atuantes em nosso mundo através da nova realidade pascal da Ressurreição”.⁵¹

51 ACS 289, p. 6

A revelação desse mistério é mediada para nós pela experiência espiritual de Dom Bosco e pelos acontecimentos que estão na origem do carisma salesiano. Nelles Maria aparece como uma presença emergente percebida e acolhida como mediação materna constante, sendo indicada como a “Mestra” da nossa praxe educativa e da nossa vida espiritual.

A vocação é revelada a Dom Bosco através da intervenção e da palavra de Maria. Ela indica o campo, a finalidade, o método de sua missão. Torna-se a sua Inspiradora. Sua obra juvenil nascerá no dia da Imaculada e crescerá marcada por coincidências e acontecimentos de significado mariano que se dão dentro dos muros do oratório e no espaço maior da Igreja. A experiência oratoriana desemboca na Congregação salesiana, Valdocco culmina no santuário; a referência à Imaculada se enriquece com a de Auxiliadora. Dom Bosco, conhecedor direto de toda a evolução, vê o fio que liga as diversas fases: “Foi Ela quem tudo fez”. E está também seguro quanto ao futuro: “A Santa Virgem continuará a proteger a nossa Congregação e as obras salesianas se nós confirmarmos a nossa confiança nela e continuarmos a promover o seu culto”.⁵²

52 Do “Testamento espiritual” de Dom Bosco; cf. ACG 337. 339

A experiência de Dom Bosco leva a fixar o olhar na pessoa viva de Maria mediante duas representações ou títulos em que vemos significados particulares. A Imaculada fala da presença fecundante do Espírito, da disponibilidade ao projeto de Deus, da ruptura com o

pecado e com todas as forças que o sustentam, da totalidade da consagração. No oratório inspirou a abertura ao sobrenatural, a pedagogia da graça, a delicadeza de consciência, os aspectos maternos do acompanhamento educativo. Deixou o sinal na festa da Imaculada, na Companhia da Imaculada, uma espécie de prova da Congregação salesiana, no tipo de santidade de Domingos Sávio, que aparece hoje como o precursor da espiritualidade juvenil salesiana.

Ao redor da Auxiliadora se concentra ainda uma outra constelação complementar de significados. Ela recorda a maternidade de Maria a respeito de Cristo e da Igreja, o apoio de Maria ao povo de Deus nas vicissitudes históricas, sua colaboração na obra de salvação e, como consequência, sua função na encarnação do Evangelho entre os povos (“Estrela da Evangelização”)⁵³, a mediação da graça para cada cristão e comunidade.

53 Cf. EN, 82

Ela nos infunde o senso de Igreja, o entusiasmo pela missão, a audácia apostólica que teve sua manifestação na construção do Santuário e nas partidas missionárias, a capacidade de congregar forças pelo Reino, evidenciada pelo surgimento da Família Salesiana.

As duas ópticas, da Imaculada e da Auxiliadora, se apresentam como um ícone da nossa espiritualidade, que estimula à caridade pastoral, à interioridade apostólica. A missão de Maria começa com uma abertura ao Espírito, move-se a partir da fé e, como se mostra no *Magnificat*, nutre-se da contemplação dos acontecimentos da salvação. Exprime-se e se desenvolve depois no serviço incondicionado ao crescimento de Cristo, da comunidade cristã, do mundo.

Constitui, então, para nós, apelo e estímulo ao desenvolvimento das duas dimensões em estreita unidade e recíproca comunicação. Ela, com efeito, une a virgindade à

maternidade; o divino em seu seio se une ao humano; gerando Jesus homem, torna-se Mãe de Deus. Educar Jesus querará dizer criar condições humanas para que o Verbo tenha plena expressão temporal e se enraíze na humanidade. Contemplação e ação caminham nela, não só *pari passu*, mas conscientemente fundidas. O sim do Pai é sempre um sim para a salvação do mundo. “A graça de unidade tem em nós um indispensável aspecto mariano, que ilumina a interioridade apostólica e a acompanha em seu crescimento. Seria falta de objetividade refletir sobre a nossa consagração religiosa, sem fixar a atenção na plenitude interior e na maternidade de Maria.”⁵⁴

54 Cf. *Interioridad apostólica*, p. 82

Fatos salvíficos e acontecimentos carismáticos introduzem, então, cada salesiano num âmbito onde Maria já está presente como Mãe. Como exprimimos a nossa consciência e acolhida dessa realidade?

Primeiramente cultivando para com Ela uma relação pessoal que se fundamenta na meditação dos acontecimentos salvíficos, de luz e significados: a anunciação, Caná, o Calvário, a Ressurreição, o cenáculo; alimenta-se com a atenção à vida eclesial, onde se sente a sua presença; exprime-se na atitude filial que inspira as diversas práticas marianas. Dizem sobre isso as nossas Constituições: “Nutrimos para com ela devoção filial e forte” (Const 92).

A relação pessoal se canaliza no empenho educativo dando-lhe um colorido salesiano. Na vertente da proposta educativa leva para a atenção à vida de fé e de graça, para a qual Maria gera cada jovem; sugere a iniciação dos jovens nas relações filiais com Deus, que se manifestam na resposta pronta às suas inspirações e no sentido do pecado; infunde confiança na misericórdia do Pai e na força redentora de Cristo.

Na vertente do método, Maria sugere a assistência cheia de compreensão, o apoio à vida que cresce, a ca-

pacidade de cultivar os germes, a esperança. O encontro das duas vertentes constitui o sistema preventivo, que nasceu e cresceu à escola espiritual de Maria: “Guiado por Maria, que lhe foi Mestra, Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou sistema preventivo” (Const 20).

Por último há o campo da pastoral popular, que comporta atenção à experiência religiosa, cuidado pela piedade mariana, escuta das invocações do povo de Deus, entendido em sentido amplo. É preciso, em primeiro lugar, ser capazes de perceber suas ânsias e esperanças; suscitar e depois sustentar a fé através expressões encarnadas em sua cultura. Os Salesianos nos contextos populares educam a juventude, se empenham na evangelização, apóiam a promoção, colaboram com a cultura. Promovem então a devoção a Maria, atentos a quatro perspectivas: valorização do patrimônio de religiosidade popular e dos valores humanos e cristãos que ela apresenta; aceitação da curva cultural de hoje, que sugere a iluminação de novos questionamentos sobre a pessoa, o papel da mulher, os fundamentos e a função da fé e outros semelhantes; inspiração nas orientações do Concílio Vaticano II, que proclama, em contexto atual, a mensagem evangélica sobre Maria; atuação das mediações catequéticas, culturais e celebrativas para enraizar no povo o sentido da presença de Maria.

Existem três figuras da síntese que expusemos. A primeira é um fato histórico: a construção da Basílica; a segunda é uma representação pictórica: o quadro da Auxiliadora do altar-mor, cujos motivos foram sugeridos pelo mesmo Dom Bosco; a terceira é a oração de entrega confiante que recitamos todos os dias: Imaculada Virgem Auxiliadora, Mãe da Igreja.

A espiritualidade que resulta dessas energias interagentes é concentrada pelo P. Viganò na expressão “*coração oratoriano*”. Ele é atribuído a Dom Bosco, que se dedicou à educação dos jovens “com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras; não deu passo, não pronunciou palavra, não pôs mão a empreendimento que não visasse à salvação da juventude”.⁵⁵ Evoca sua experiência pastoral original, normativa do carisma, não tanto em sua materialidade como em seu espírito. Recorda a praxe que dela teve origem e aquilo que comporta na pessoa dos educadores.

55 Const 21; cf. ACG 321, p. 15; 326, p. 6

A mesma expressão é referida também a cada salesiano de todos os tempos, enquanto tem predileção pelos jovens como próprio campo de trabalho, se sente enviado a eles por Deus, é capaz de fazer-se amar pela bondade, coloca as pessoas no centro de seus projetos, é criativo na resposta às necessidades e questionamentos dos jovens.⁵⁶

56 Cf. ACG 334, p. 34; 352, p. 25

O coração oratoriano se manifesta no desejo ardente de revelar Jesus como caminho, verdade e vida, fazer provar a sua graça, abrir às vocações de compromisso, acompanhar para a santidade. Compreende o entusiasmo interior por Cristo Pastor, a vibração interna pela sua obra de salvação, a capacidade de se unir a Deus e vê-lo nos jovens.

Numa palavra, o coração oratoriano assume os traços da resposta generosa à vocação, da consagração apostólica, da interioridade pastoral do *da mihi animas*, do *esforça-te por fazer-te amar*, da ‘graça de unidade’, do amor a Maria Auxiliadora dos cristãos, Mãe dos jovens. Representa a identidade ou fisionomia do salesiano visto ao vivo e em ação, em seu ambiente típico, em suas tensões e orientação fundamental, no conteúdo assim como na vivacidade emotiva. “É a condição salesiana da primeira profissão até o último respiro.”⁵⁷

57 ACG 334, p. 41

Coração, mais que indicar só a parte dos sentimentos, como costumeiramente acontece em nossas línguas, assume o sentido total e existencial que tem na Bíblia. O coração do homem é a fonte mesma da sua personalidade consciente, inteligente e livre, onde têm origem, de forma muitas vezes misteriosa, e amadurecem suas opções decisivas, onde se aninha sua bondade ou malícia (cf. Lc 6,45), onde ressoa a lei não escrita e se faz sentir a ação de Deus; onde Maria conservava a Palavra e a meditava (Lc 1,19; 2,51). Por isso se afirma que o homem vê as aparências, mas Deus conhece o que se esconde no coração; que o homem precisa de um coração novo para escutar e seguir a Deus, e Deus promete mudar-lhe o coração de pedra em coração de carne.

Oratoriano compreende o carisma, a vocação pessoal e a experiência histórica salesiana vivida com fidelidade dinâmica.

Os empenhos operativos que assumimos e os que nos dispusemos a desenvolver em futuro próximo levam-nos a esse núcleo da nossa espiritualidade. O “Instrumentum laboris” do Sínodo no-lo recorda: “Augura-se – dizia – uma retomada da espiritualidade, sobretudo na vida apostólica ativa, não só com a finalidade de tornar mais incisiva a sua missão, como também para tornar possível a mesma vida consagrada num mundo que parece ter-se tornado impermeável à obra de evangelização e que exige personalidades espirituais sólidas, que evangelizem com o fervor dos santos”.⁵⁸

Essa é também a mensagem do P. Viganò.

Eu vo-la entrego de novo com confiança e vos cumprimento no Senhor, pedindo-vos uma oração pelo próximo CG24.

Juan Trecchi

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

O PECÚLIO

P. Omero PARON
Ecônomo Geral

O *pecúlio*, ou seja, aquela porção de dinheiro mais ou menos escondida para uso pessoal. Bastava pronunciar essa palavra e o mestre criava um ar de mistério enquanto os noviços tinham muito trabalho em decifrar que bicho proibido fosse aquele. E ele, o mestre, a dizer que era coisa séria, porque não deixava em paz a consciência reta de um religioso. Depois, saiu da moda; falo da palavra. Porque aquela coisa feia, que não deixa o religioso de consciência reta em paz, jamais desapareceu. Talvez se lhe dê pouca importância, dado que hoje o dinheiro gira facilmente também nos conventos. Pelo que se dorme em paz a respeito.

Hoje, pior que ontem? Não parece, se já no início do século o P. Barberis escrevia no *vademecum*: “É útil notar que os teólogos garantem concordemente que o voto de pobreza é transgredido pelos religiosos mais que pelos outros”.

Tentemos dizer de novo coisas belas sobre a pobreza religiosa para entender melhor a falta de sentido do pecúlio.

- (PC 5) Os religiosos, fiéis à sua profissão, deixando tudo por amor de Cristo (cf. Mc 10,28) sigam-no (cf. Mt 19,21) como ao único necessário (cf. Lc 10,42)... cheios de solicitude pelas suas coisas (cf. 1Cor 7,32).

- (PC 13) É preciso que os religiosos pratiquem uma pobreza exterior e interior, acumulando tesouros no céu (cf. Mt 6,20).

- (ET 21) A necessidade, tão categórica hoje, de participação fraterna deve conservar o seu valor evangélico. Segundo a expressão da *Didakè*,

“se compartilhais os bens eternos, com mais razão deveis compartilhar os bens que perecem” (*Didakè* IV,8). A pobreza, efetivamente vivida, colocando em comum os bens, compreendido o salário, atestará a comunhão espiritual que vos une; ela será um apelo vivente para todos.

Desçamos à nossa casa para entender melhor o problema.

Desde a primeira redação das “Regras” em língua italiana (1858), a mais antiga que possuímos, Dom Bosco quis para os seus a renúncia total dos bens terrenos:

- art. 1: a essência do voto de pobreza consiste em levar vida comum em relação a... nada reservar há chave sem licença especial do superior.

- art. 3: ninguém tenha na Congregação ou fora dinheiro para si, nem em depósito por qualquer motivo que seja.

Depois, na redação em língua italiana que recebeu o *decretum laudis* (1864):

- art. 1: a observância do voto de pobreza consiste essencialmente no desapego de qualquer bem terreno, que praticaremos com a vida comum em relação a... nada reservando para uso pessoal sem licença especial do Superior.

O P. Braido, comentando o texto “Aos sócios salesianos” de 1877/1885, diz: “O discurso sobre as formas de pobreza, que termina com orientações práticas novas, não faz outra coisa senão confirmar a concepção e a prática que Dom Bosco quer decididamente austera” (RSS 26/95).

O *pecúlio*. Hoje são utilizadas outras palavras como: ter conta pessoal no banco; ter umas “patacas” à parte porque nunca se sabe, com os tempos que correm; todos pensam no futuro: depois, quando a gente ficar velho..., e avante com esses raciocínios. Já não se acredita no “cêntuplo” prometido.

Não são novos esses raciocínios humanos, mesmo se prudentes. Ouça o que Dom Bosco garantia “aos sócios salesianos” na introdução às Constituições a partir da segunda edição impressa de 1875: “Terá talvez faltado algo de necessário à vida?”. E responde: “Com a ajuda da amorosa divina Providência... jamais (nos) faltou qualquer coisa para nos alojar, nutrir, vestir tanto em tempo de saúde como nos casos de doença”.

É verdade, hoje somos mais viciados, temos muito mais e ainda desejamos sempre mais. Tínhamos, diziam os nossos antigos, “i oci più grandi dela panza” (olhos maiores que o ventre) que traduzido quer dizer: se gostaria de ter além das próprias possibilidades.

O *pecúlio* não é unicamente um mal individual. Entende-se do telhado para baixo, porque, a partir do telhado, o ouro brilha e deslumbra sempre. É um mal que mina a vida da comunidade. Ela, sem o sentido de uma verdadeira comunhão de bens também materiais, arrisca-se a ser só sentimento, verbalismo e pouca sinceridade. Somos convidados a outras coisas: carregar os pesos uns dos outros... ser construtores e não só consumidores de comunidade... abertos e disponíveis para receber um o dom do outro... compartilhar tudo...

É certo que ter “Hà chave”, esconder, ou melhor, gabar-se de conservar bens que no fundo, pensando bem, são de todos, é motivo de sofrimento e de mal-estar que conturba a vida comunitária. Digamo-lo com franqueza: o fato de ter posses pessoais sem preocupar-se com os outros, a busca das coisas próprias, o subterfúgio é verdadeiro individualismo desagregador. A possibilidade de dispor de dinheiro como se fosse próprio fere e enfraquece a vida fraterna. E cria disparidades entre os filhos do “pobre” e os do “senhor” Dom Bosco.

O convite das Constituições, art. 76, é bem outro: “A exemplo dos primeiros cristãos, pomos em comum os bens materiais: os frutos do nosso trabalho, os presentes recebidos e o que percebemos por aposentadoria, subsídios e seguros. Oferecemos ainda os nossos talentos, nossas energias e experiências. Na comunidade o bem de cada um torna-se o bem de todos”.

Pecúlio, ou seja, aquela porção de dinheiro que os “espertos” escondem “Hà chave” e que tudo faz em pedaços: dom de si, vida de família, solidariedade, partilha...

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Conselho Geral

A décima primeira sessão plenária (deste sexênio) do Conselho Geral teve início em 1^a de junho de 1995, conforme o calendário estabelecido. No dia anterior, 31 de maio, celebrou-se o “dia da comunidade” da Casa Geral, que tinha acolhido com alegria – para um momento de festa de aniversário de sua ordenação sacerdotal – o Reitor-Mor, hospitalizado havia mais de dois meses. No dia 1^a de junho, entretanto, o Reitor-Mor não pôde participar do início dos trabalhos da sessão de Conselho. Introduzindo as reuniões, o Vigário comunicava o desgosto do Padre Viganò por essa ausência, mas também a esperança de poder tê-lo logo presente, como atestavam os próprios médicos. Ele, no entanto, acompanhava os trabalhos da clínica, informando-se e falando pessoalmente com os Conselheiros. Infelizmente, como conhecido, a doença agravou -se rapidamente; os mem-

bro do Conselho, com amor e trepidação, acompanharam o Reitor-Mor em seu caminho de dor até o encontro com o Senhor. Particularmente tocante o momento em que todo o Conselho se recolheu em oração no quarto da clínica e o Vigário administrou ao P. Egídio o sacramento da Unção dos Enfermos. Esses dias em companhia do Reitor-Mor doente e depois os que seguiram à sua morte incidiram profundamente sobre toda a sessão.

Presidido pelo Vigário, o Conselho continuou o trabalho de animação e guia da Congregação. Antes de tudo com a solução das práticas “ordinárias” das Inspetorias: nomeações nos Conselhos inspetoriais, aprovação de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas, práticas econômico-administrativas, solução de problemas particulares de irmãos. Entre as novas presenças, particularmente significativas, as que constituirão o primeiro ingresso dos Salesianos na Eritrêia (Dekameré), em Malawi

(Chilinde-Lilongwe) e na Bósnia (Zepce, não distante de Sarajevo). Estudou-se também a possibilidade de entrar na Romênia.

O maior empenho, como em todas as sessões, voltou-se ao exame dos relatórios das visitas extraordinárias realizadas nos meses anteriores, a algumas providências em vista da preparação do Capítulo Geral 24 e ao estudo de alguns temas de importância para a animação. Nessa sessão não se deu nenhuma nomeação de Inspetor.

Eis, sinteticamente e em ordem, os principais pontos dos trabalhos realizados.

1. *Relatórios das visitas extraordinárias.* Após as “visitas extraordinárias” realizadas no período fevereiro-maio de 1995, os respectivos Visitadores apresentaram o seu relatório, que o Conselho Geral examinou e discutiu, individuando as oportunas orientações a serem dadas ao Inspetor com o seu Conselho na carta conclusiva. Foram estas as Inspetorias cujos relatórios foram examinados: África Central, América Central, Brasil-São Paulo, Eslováquia, Espanha-Córdoba, Índia-Guwahati, Índia-Hyderabad, Itália-Circunscrição

Piemonte e Valle d’Aosta, República Checa. Examinou-se também a visita de animação feita pelo Conselheiro para a Formação à Inspeção de San Francisco (USA).

2. *Relatórios dos Dicastérios.* Os Conselheiros encarregados dos diversos setores de atividade apresentaram ao Conselho o relatório dos trabalhos realizados por eles e seus respectivos “Dicastérios”, no período fevereiro-maio de 1995. Da reflexão feita em Conselho, após a apresentação dos vários relatórios informativos, foram tiradas algumas orientações e/ou problemas, que foram ou serão objeto de aprofundamento.

3. *Rendiconto econômico-administrativo.* De acordo com os Regulamentos gerais, o Ecônomo apresentou o rendiconto administrativo do exercício 1994. O rendiconto, em sede de Conselho, foi devidamente examinado e discutido e posteriormente aprovado.

4. *Capítulo Geral 24.* A pedido do Regulador do CG24, P. Antonio Martinelli, de acordo com o Reitor-Mor e com o seu Vigário, o Conselho Geral fez sugestões e

deu orientações sobre alguns pontos da preparação e realização do Capítulo Geral 24.

São estes os principais pontos tratados: sugestões sobre o processo de discernimento para a eleição do Reitor-Mor e do seu Conselho, traduções em diversas línguas durante o Capítulo, presença de leigos no CG24, salesianos a serem convidados como observadores ou peritos.

Além das sugestões sobre esses aspectos “técnicos”, o Conselho Geral continuou o estudo de um tema de animação e governo da Congregação, a respeito da eventual reestruturação das Regiões. Recolhendo quanto já emerso da reflexão iniciada na sessão anterior (cf. ACG 352, p. 57), foram elaboradas algumas propostas que serão transmitidas à competente Comissão capitular. Trata-se de orientações, fruto da reflexão do Conselho, que serão apresentadas ao CG24 como possíveis bases de trabalho.

5. *Aprovação das deliberações dos Capítulos Inspetoriais.* Tarefa importante do Conselho geral nessa sessão, foi o de examinar as deliberações dos Capítulos

Inspetoriais a respeito especificamente da animação das Inspetorias, que precisam da aprovação do Reitor-Mor com o seu Conselho, conforme as Const. 170. Estes os Capítulos Inspetoriais examinados (para alguns deles foram também aprovadas modificações nos Diretórios inspetoriais): África Leste, África Meridional, América Central, Argentina-Córdoba, Austrália, Bolívia, Brasil-Campo Grande, Brasil-Manaus, Brasil-Ricife, Brasil-São Paulo, Chile, China, Croácia, Eslováquia, Espanha-Barcelona, Espanha-Córdoba, Espanha-Madri, Espanha-Sevilha, Índia-Bombaim, Itália-Meridional, Itália-Vêneta Leste, Oriente Médio, México-México, Peru, Universidade Pontifícia Salesiana, Venezuela, Vietnam, Zâmbia.

6. *Conclusão e revisão das “visitas de conjunto”.* Na conclusão das “visitas de conjunto”, realizadas nas diversas regiões ou áreas da Congregação (as duas últimas foram as da África, em Abidjan e Nairóbi, em fevereiro de 1995), o Conselho Geral dedicou um espaço de tempo para considerar as conclusões surgidas em seu conjunto e para fazer uma revisão da

validade das visitas. A reflexão de revisão tocou vários aspectos: objetivos das visitas de conjunto, sua preparação e escolha dos temas, período das visitas e participantes, conclusões e eficácia no governo e na animação. As sugestões brotadas na revisão serão transmitidas ao próximo Conselho Geral.

Como nas demais sessões plenárias, todo o trabalho de reflexão e confronto foi acompanhado de momentos de fraternidade e de oração: recorda-se, em particular, a jornada de retiro no dia 14 de junho. Como se acenava no início, a sessão foi particularmen-

te marcada pela doença e morte do Reitor-Mor. O Conselho quis também dedicar expressamente um tempo à reflexão dos acontecimentos e da figura do P. Egidio Viganò, dos aspectos mais característicos do seu ministério de guia e animação, e da grande contribuição que ele deu à Congregação, à Família Salesiana e à Igreja, como intérprete autorizado e testemunha do carisma e da missão de Dom Bosco para a nova evangelização.

A sessão se concluiu em 21 de julho.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Rodolfo Komorek

Apresentamos uma tradução (do italiano, não oficial) do decreto sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Rodolfo Komorek, salesiano sacerdote, promulgado em 6 de abril de 1995.

“Com a efusão sacramental do Espírito Santo que consagra e envia, o presbítero é configurado a Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja e enviado a realizar o ministério pastoral. Dessa forma, o sacerdote é marcado para sempre e de modo indelével no seu ser como ministro de Jesus e da Igreja e é inserido numa condição permanente e irreversível de vida, e é encarregado de um ministério pastoral que, enraizado no ser, envolve toda a sua existência, e também ele é permanente” (João Paulo II, Exort. Apost. *Pastores dabo vobis*, 70; AAS LXXXIV [1992] 779).

Intimamente unido com Cristo por meio do sacramento da Ordem, o sacerdote Rodolfo Komorek seguiu os passos do di-

vino Pastor com fidelidade, amor e perseverança, vivendo segundo o Evangelho com ardor e entusiasmo e, vivificado interiormente pela caridade, se dedicou com toda a alma e com todas as forças ao serviço de Deus e das almas, às quais distribuiu abundantemente os bens da Redenção e ofereceu admiráveis exemplos de santidade.

O Servo de Deus nasceu de uma família polonesa em 11 de outubro de 1890 em Bielsko, pequena cidade da Silésia de Cieszyn, que então pertencia ao Império austro-húngaro. A educação cristã que recebeu dos bons progenitores, João Komorek e Inês Gach, foi aceita com docilidade e fruto pelo jovem, que desde a primeira infância demonstrou índole dócil e clara inclinação de ânimo à oração e às coisas do espírito. Frequentou, com diligência e louváveis resultados, a escola ginásial e o liceu do lugar; ao mesmo tempo se empenhou na própria formação humana e cristã, alimentando regularmente a sua alma com a participação cotidiana na Missa, com a devoção para com a Virgem Maria e com o exercício da humildade e do silêncio.

Em 1909 seguiu a vocação ao sacerdócio, que há tempo tinha advertido, e entrou no seminário de Widnawa, diocese de Breslavia, e no dia 22 de julho de 1913, otimamente preparado, recebeu a Ordem do presbiterado. Foi logo inserido no ministério pastoral, que exerceu antes na cidade de Strumien, depois na paróquia de Zabrzeg. Em todos os lugares se distinguiu pela intensa piedade, pelo singular espírito de penitência e mortificação, bem como pela diligência na administração do sacramento da Reconciliação, na assistência aos doentes e no cuidado da educação das crianças. Durante a guerra mundial (1914-1918) foi capelão militar, e mereceu duas condecorações pelo empenho com que exerceu o seu ofício sacerdotal pelos feridos e doentes. Terminada a guerra, foi administrador paroquial na cidade de Pogwizdów e depois coadjutor na paróquia de Frysták, onde foi tido e venerado como santo.

Nesses anos foi amadurecendo em seu espírito um projeto que teve grande peso em sua vida. Pensando em dedicar-se ao apostolado entre os jovens pobres e à ação

missionária entre os povos não cristãos, obteve em 1922 dos bispos, que muito o estimavam, a licença para entrar na Sociedade Salesiana de São João Bosco. Fez o noviciado com fervor, humildade e docilidade, e em 1^a de novembro de 1923 emitiu os primeiros votos trienais; fez o tirocínio salesiano em Przemyśl, exercendo o sacro ministério com a costumeira diligência. Em 1924 foi enviado ao Brasil e encarregado do cuidado pastoral dos poloneses que tinham emigrado da própria pátria e residiam na paróquia de São Feliciano, pertencente então à arquidiocese de Porto Alegre. Ajudou o pároco, concorde em tudo com ele, e, não se preocupando com incômodos e sacrifícios, desenvolveu um ativo apostolado pregando a palavra de Deus, fazendo catequese, administrando os sacramentos, cuidando assiduamente dos doentes, consolando os pobres e aflitos; acompanhava habitualmente e tornava fecundo o trabalho pastoral com oração contínua e muitas penitências. Comportou-se igualmente em Niterói (1929-1934), onde foi diligente colaborador do reitor do Santuário de Maria Auxiliadora e

confessor ordinário dos Salesianos, do povo e de não poucos párocos da região. Emitiu a profissão perpétua em 28 de janeiro de 1930 e, de 1934 a 1936, trabalhou com zelo nas paróquias de Luís Alves e de Massaranduba, no estado de Santa Catarina. Foi, então, destinado, como confessor e professor dos jovens noviços e alunos da escola, às respectivas sedes, em Lavrinhas. Dentro e fora da comunidade se fez tudo para todos, demonstrando uma inesgotável vontade de serviço e de apostolado. Sua jornada, que iniciava na terceira hora matutina, era cheia de atividades, que realizava com simplicidade e alegria. Prestando assistência aos doentes de tuberculose, caiu na mesma doença; para que pudesse se curar, foi enviado à cidade de São José dos Campos, onde existiam casas de cura e repouso para os físicos. Também aí, levado pelo seu zelo ardentíssimo, desenvolveu assídua atividade pastoral. Foi capelão do “Asilo de Sant’Antonio” para os anciãos; visitava os doentes nos sanatórios “Vicentina Aranha” e “Santa Casa de Misericórdia”; ia à casa dos pobres, aos quais levava o confor-

to da amizade e da fé. Assistia espiritualmente os doentes em suas casas; dedicava muito tempo ao ministério das confissões, instruía as crianças no catecismo, ajudava os párocos próximos, pregava de boa vontade a palavra de Deus. Embora sua saúde tenha melhorado por alguns períodos, gradualmente a doença contudo foi se agravando. Passou os últimos dias em oração, unido ao seu pequeno crucifixo. Sabendo que estava próximo à morte, preparou-se santamente para o supremo encontro com Deus, que se deu em 11 de dezembro de 1949 no sanatório “Vicentina Aranha”, onde estava internado.

Sua vida foi uma contínua ascensão à perfeição cristã, que atingiu pelo caminho da cruz, o serviço de Deus e das almas e o exercício das virtudes e dos conselhos evangélicos. Foi sempre guiado por uma fé sólida e fervorosa, que nutria pela união com Deus, a piedosa celebração da Missa, dos sacramentos e da Liturgia das Horas, o amor à Eucaristia, à Paixão de Cristo e à Virgem Maria, que honrava freqüentemente, sobretudo com a reza do Rosário, bem como pela oração, continuadas penitências e as mesmas obras de apostolado. Deus era o cen-

tro de seus pensamentos e afetos; para agradar a Deus, renegava a si mesmo, observava fielmente os mandamentos divinos, as leis da Igreja, a Regra e os votos religiosos e os preceitos dos Bispos, e cumpria com a máxima diligência todos os deveres sacerdotais e pastorais. Cuidadoso com a glória de Deus, trabalhou noite e dia pela edificação do seu reino, agindo sempre com sincera humildade e simplicidade e em comunhão com as autoridades eclesiásticas e com a Sociedade Salesiana. Amou o próximo no espírito do Evangelho e foi anjo consolador dos pobres, doentes, pecadores, anciãos, crianças e de todos os que encontrava. A ninguém afastava e era sempre contente de poder ser útil aos outros. Supportou, pelo bem das almas, sacrifícios e incômodos, sem jamais se lamentar ou demonstrar cansaço. Foi sacerdote prudente nas palavras e nos costumes, forte nas dificuldades, justo para com Deus e para com o próximo, temperante no uso dos bens terrenos, amante do escondimento e do sacrifício, austero no próprio teor de vida, severo e duro consigo mesmo, benévolo e misericordioso com os outros.

Tão alto foi o seu grau de virtude que já durante a vida resplendeu

pela fama de santidade em todos os lugares onde exerceu o ministério. Essa fama foi confirmada após a morte, e cresceu junto ao clero e o povo; por isso o Bispo de Taubaté deu início à Causa de beatificação e canonização celebrando o processo ordinário informativo (1964-1969), que foi autorizadamente aprovado pela Congregação para as Causas dos Santos com decreto promulgado em 20 de abril de 1990. Preparada a *Positio*, discutiu-se se o Servo de Deus observou as virtudes de modo heróico. No dia 29 de novembro de 1994 realizou-se, com êxito positivo, o Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos. Em seguida os Padres Cardeais e os Bispos, na Congregação Ordinária de 14 de março de 1995, sendo Ponente da Causa o Card. Eduardo Pironio, reconheceram que o Servo de Deus praticou de modo heróico as virtudes teológicas, cardeais e as demais conexas.

Finalmente, feito o relatório de tudo ao Sumo Pontífice João Paulo II por parte do subscrito Cardinal Prefeito, Sua Santidade, acolhendo e ratificando os votos da Congregação para as Causas dos Santos, dispôs que fosse redigido

o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Isso feito, convocados hoje à Sua presença o subscrito Cardeal Prefeito, o Cardeal Ponente da Causa, eu Bispo Secretário da Congregação e quantos costumemente devem ser convocados, à sua presença, o Beatíssimo Padre declarou solenemente que *constam as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade, bem como as virtudes da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza, e outras a elas conexas, praticadas em grau heróico pelo Servo de Deus Rodolfo Komorek, sacerdote professo da Sociedade de São Francisco de Sales, no caso e para as finalidades de que se trata* (ou seja, em vista da canonização).

Dispôs, além disso, que o presente Decreto seja publicado e conservado entre os atos da Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma em 6 de abril do ano do Senhor de 1995.

ANGELUS Card. FELICI, Prefeito
✠ Edoardo Nowak, Arciv. tit.
de Luni, Secretário

5.2 Nomeações Pontifícias

Assinalam-se as nomeações pontifícias de dois dos nossos irmãos Bispos que foram promovidos à sede arquiepiscopal e um terceiro transferido a nova sede.

1. Dom Thomas MENAMPARAMPIL, Arcebispo Metropolitano de Guwahati, Índia.

O *Osservatore Romano* de 2 de agosto de 1995 publicava a notícia de que o Santo Padre nomeara primeiro Arcebispo Metropolitano de Guwahati (Assão, Índia) Dom Thomas Menamparampil S.D.B., até o momento Bispo da mesma diocese. Na mesma data era erigida a Província eclesiástica de Guwahati, elevando como Igreja Metropolitana a homônima sede episcopal.

(Para os dados pessoais de Dom Thomas Menamparampil, veja-se ACG 302, outubro-dezembro de 1981, p. 61).

2. *Dom Tarcisius RESTO PHANRANG, Arcebispo Metropolitana de Shillong, Índia.*

Também no dia 2 de agosto de 1995, o *Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação de Dom Tarcisius Resto Phanrang S.D.B. como Arcebispo Metropolitana de Shillong (Meghalaya, Índia). Dom Resto era até o momento Bispo titular de Corniculana e Auxiliar da mesma arquidiocese. Contextualmente à criação da Província eclesiástica de Guwahati, foi reestruturada a arquidiocese de Shillong.

(Para os dados pessoais de Dom Tarcisius Resto, veja-se ACG 334, outubro-dezembro de 1990, p. 73).

3. *Dom Miguel José ASURMENDI ARAMENDÍA, Bispo de Vitória, Espanha.*

Com data de 9 de setembro de 1995 o *Osservatore Romano* publicava a notícia de que o Santo Padre nomeara Bispo de Vitória (Espanha) Dom Miguel José Asurmendi Aramendía S.D.B., transferindo-o da sede de Tarazona (Espanha), onde era Bispo desde 1990.

(para os dados pessoais de Dom Miguel José Asurmendi Aramendía, veja-se ACG 334, outubro-dezembro de 1990, p. 73).

5.3 Irmãos falecidos (1995 - 3ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor ... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
P. ANTHONY Sylvester	Colle Don Bosco	03.10.95	64	INC
P. APARICIO PICADO Felicísimo	Sevilla	20.09.95	82	SSE
P. ASMA Gerard	Nijmegen	14.07.95	72	OLA
P. BAIOTTO Umberto	Latina	18.09.95	79	IRO
P. BALGHA Pál	Balassagyarmat	31.08.95	77	UNG
P. BUGLIO Giuseppe	Cogne	02.08.95	73	ICP
P. CARAMASCHI Valerio	Castelfranco Veneto	04.08.95	33	IVE
L. CASTRO Pablo Emilio	Santafé de Bogotá	20.07.95	85	COB
L. CROTTI Antonio	Genova	04.10.95	63	ILT
P. CUMBO Salvatore	Pedara	23.07.95	73	ISI
L. DALPRÁ Giovanni	Negrar (Verona)	30.08.95	82	IVO
P. DELAHUNTY James	Dublin	19.06.95	80	IRL
P. FARRUGIA Anthony	Dar-tal-Kleru (Malta)	07.08.95	87	IRL
P. FIGUEROA Julián	Santafé de Bogotá	14.08.95	78	COB
P. FLORES FERNANDEZ Francisco	Sanlúcar la Mayor	08.08.95	83	SSE
P. FOZZER Giovanni	Pordenone	15.07.95	80	IVE
P. FRANTA Herbert	Benediktbeuern	02.10.95	59	UPS
P. GATTI Pietro	Cernusco sul Naviglio (MI)	07.08.95	84	INB
L. GILLÉ Pierre	Caen	11.07.95	83	FPA
P. GRANDHAYE Jean	Nice	21.09.95	84	FLY
P. GRANOZIO Antonio	Salerno	31.08.95	74	IME
P. HALLER Josef	Waldwinkel	30.07.95	85	GEM
L. HERBOLT Constantino	Coronel Oviedo	22.07.95	74	PAR
L. HERRERA Antonio	Santafé de Bogotá	05.07.95	83	COB
L. HOFMANN Jakob	Amberg	24.08.95	80	GEM
P. HUDECEK Frantisek	Cervena Voda	07.08.95	83	CEP
P. JELLCI Pietro	Banpong	05.10.95	90	THA
P. KIET Boonkachai Giuseppe	Bangkok	29.09.95	68	THA
P. KOLTUN José	Bahía Blanca	07.07.95	44	ABA

64 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P. KOSÍK Rudolf	Pezinok 13.07.95	82	CEP
P. KOVALIK Stefan	Banská Belá 15.08.95	48	SKL
L. KURZYNSKI Józef	Czerwinsk 07.06.95	83	PLE
P. LEONARDI Eugenio	Castellammare di Stabia 15.09.95	56	IME
P. LINEL Georges	St.Genis Laval 03.08.95	66	FLY
foi Ispetor por 6 anos			
L. MAHONEY Patrick	Ballinakill 11.06.95	76	IRL
P. MANCA Antonio	Santu Lussurgiu 23.08.95	76	ISA
P. MARCONI Carlos	Montevidéo 18.08.95	71	URU
P. MARTAGON BOCIO Fernando	Sevilla 03.08.95	81	SSE
P. MENEZES Joseph	Bombaim 11.07.95	75	INB
P. MIRANDA Víctor	Sancti Spiritus (Cuba) 04.09.95	54	ANT
L. MONDINI Lirio	Ascurra 11.08.95	90	BPA
P. NAVRÁTIL Jakub	Moravec 25.07.95	85	CEP
P. NTAMITALIZO Jacques	Bujumbura (Burundi) 10.07.95	52	AFC
P. ORSI Antonio	Varazze 09.07.95	75	ILT
P. PAINI Emilio Archinto	Lombriasco 04.10.95	71	ICP
P. PALOS CARBALLO Ramiro	Córdoba 29.09.95	67	SCO
P. PERDANG Nicolas	Huy 23.08.95	75	BES
P. PETRAITIS Stanislao	L'Aquila 06.08.95	82	IAD
P. PINOS SEVILLANO Tirso	Barcelona 05.10.95	42	SBA
E RADA Cândido	Quito 07.08.95	90	—
<i>foi por 4 anos bispo de San Carlos de Ancud (Chile) e por 20 anos bispo di Guaranda (Equador)</i>			
P. RIEDRICH Karl	La Plata 24.07.95	88	ALP
P. ROBINO Paul	Caen 14.08.95	74	FPA
P. ROTTER Pietro	Agua de Diós 13.03.95	81	COB
P. RUGGERI Giuseppe	Cagliari 14.07.95	93	ISA
P. SANDOR Andrzej	Roma 27.07.95	82	IRO
L. SARNI Ugo	La Serena 15.08.95	89	CIL
P. SELVARAJ Mohanraj	Madras 29.09.95	42	INM
L. SGORBATI Artemio	Florença 16.08.95	77	ILT
P. TACCHINI Luigi	Lanzo Torinese 12.09.95	81	ICP
P. TORRACCHI Tarcisio	Genova Quarto 28.07.95	70	ILT
P. VAIA Contante Ramón	Córdoba 22.09.95	73	ACO
P. WILLEMEN Theofiel	Kortrijk 24.08.95	71	BEN